



Ricardo Manuel Antunes Martins

A TSF no novo ecossistema mediático

Relatório de Estágio de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, orientado pelo Doutor João Figueira, apresentado ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

A TSF no novo ecossistema mediático

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A TSF no novo ecossistema mediático
Autor/a	Ricardo Martins
Orientador/a	Prof. Doutor João José Figueira da Silva
Júri	Presidente: Doutor José Carlos Costa Santos Camponez Vogais: Doutor João José Figueira da Silva Doutor Sílvio Manuel Rodrigues Correia dos Santos
Identificação do Curso	2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo
Área científica	-
Data da defesa	18-07-2017
Classificação	15 valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Agradecimentos

À família, aos pais que com tanto sofrimento financeiro e mental me permitiram ir estudando. À minha irmã que me permitiu a experiência do alojamento no Chiado em Lisboa durante este estágio.

À cidade de Coimbra, onde nasci e cresço. À Universidade de Coimbra, velhinha. A mais sábia. Aos professores que me inspiraram, me ensinaram e exigiram o máximo. A eloquência do Professor Carlos Reis, a ética do Professor Carlos Camponez, o desafio ao espírito crítico pelo Professor João Figueira, meu Orientador de Estágio que me proporcionou esta experiência. À Professora Ana Teresa Peixinho, pela exigência, pelos fundamentos da comunicação e da significação.

As tecnologias digitais, e especialmente os novos media, estão simplesmente a acelerar um processo onde as administrações pressentem um aumento das margens de lucro, produzindo o jornalista tipo MacGyver, o super repórter multimédia, e o novo produto que este se prepara para oferecer ao seu público.

Anabela Gradim, 2010

Resumo

O aparecimento sucessivo de novos meios tecnológicos e ferramentas informáticas, lançou desafios inovadores às empresas e grupos de media. O desafio da multimedialidade, do imediatismo e da convergência. A forma e método de resposta por parte dos *media* a esta nova realidade, reconfigurou o ecossistema mediático e a própria forma de comunicar, não só dos media, como a própria relação do jornalista com os meios de produção ao seu dispor. Assim, para estar na vanguarda, os órgãos de comunicação social desenvolvem novos processos comunicativos, de forma a que haja uma narrativa multiplataforma da notícia, nos diversos suportes disponibilizados pelo órgão de comunicação. Estas potencialidades, suscetibilizam a hipótese dos conteúdos chegarem a públicos mais alargados, novos, ou até aos mesmos, mas por outros meios mais convenientes ou mais confortáveis de aceder pelo público, agora transformado em utilizador. Este Relatório de Estágio pretende descrever as funções desempenhadas no estágio na TSF – Rádio Notícias, os meios e as ferramentas que tornam o jornalista em webjornalista e que produtos informativos e comunicativos servem melhor a qual dos suportes ou meios ao serviço do *medium*. Ao longo deste Relatório de Estágio, pudemos verificar que o mundo do *media* está em transformação. O ecossistema mediático está diferente. Durante o relatório debruçamo-nos sobre a forma como a TSF se encontra numa fase, mais do que em adaptação, está já a ajustar um novo modelo adaptado. Concluimos que as respostas aos novos hábitos e formas de receber os conteúdos por parte do utente são diversificadas e ajustadas às novas exigências. Concluimos que a TSF é hoje muito mais do que uma rádio. Posiciona-se de uma forma mais vertical cruzando atividades do mesmo setor mas alargadas a diversas áreas e indo ao encontro dos consumidores seja qual for a sua ação no ecossistema.

Palavras-chave: comunicação, jornalismo, webjornalismo, rádio, multimédia

Abstract

The emergence of new technological means and computer tools has introduced innovative challenges for companies and media groups. The challenge of multimedia, immediacy and convergence. The form and method of media response to this new reality reconfigured the mediatic ecosystem and the way of communicating, not only the media, but the journalist's own relationship with the means of production at his disposal. Thus, to be at the forefront, the media develop new communication processes, so that there is a multiplatform narrative of the news, in the various media made available by the communication media. These potentialities make the hypothesis that the contents reach larger audiences, new or even the same public, but by other, more convenient or more comfortable, means of access by the public, now transformed into user. This Internship Report is intended to describe the duties performed at the TSF - Rádio Notícias internship, the means and tools that make the journalist a webjournalist, and which informative and communicative products best fits which of the media made available by the medium. Throughout this Internship Report, we have been able to verify that the world of the media is in transformation. The media ecosystem is different. During the report we look at how the TSF is in a phase, rather than in adaptation, is already adjusting a new adapted model. We conclude that the answers to the new habits and ways of receiving the contents by the user are diversified and adjusted to the new requirements. We conclude that TSF is much more than a radio today. It positions itself in a more vertical way, crossing activities of the same sector but extending to several areas and reaching the consumers' encounter whatever their action in the ecosystem..

Keywords: communication, journalism, webjournalism, radio, multimedia

ÍNDICE

Introdução	8
CAPÍTULO 1 – A entidade acolhedora: TSF – Rádio Notícias.....	10
1.1. Breve história da Rádio em Portugal.....	10
1.2. Sumário histórico da TSF – Rádio Notícias.....	15
1.3. Motivos da escolha da entidade acolhedora	16
1.4. A Redação	17
CAPÍTULO 2 – Departamento Online	19
2.1. As alterações provocadas pela Internet	19
2.2. Webjornalismo em modelo digital multimédia	20
2.3. Técnicas de redação e multimedialidade no Departamento Online	21
2.3. Conclusões sobre a parte do estágio no Departamento Online	26
CAPÍTULO 3 – Departamento Multimédia	28
3.1. Produção de conteúdo próprio	29
3.2. Construção de arquivo	33
3.3. Concerto de Bolso.....	34
3.4. Conclusões sobre o Departamento Multimédia.....	36
CAPÍTULO 4 – Reportagem multimédia	37
Conclusão	43
BIBLIOGRAFIA	45
ANEXOS	49

Introdução

A reconfiguração do ecossistema mediático¹, em virtude do aparecimento de novos meios tecnológicos e ferramentas informáticas, lançou novos desafios às empresas e grupos de comunicação, os *media*. Estas novas ferramentas e meios como o WiFi, ou o 4G, aumentaram a velocidade de trabalho dos profissionais de comunicação e jornalismo, permitindo-lhes um mais rápido acesso à Internet (World Wide Web). Facilitam as formas de pesquisa e investigação *online* e torna o contacto com as fontes mais acessível e instantâneo. Assim, o jornalista tem a possibilidade de, estando ligado à rede, aceder a formas de pesquisa e fontes de informação, sem ter de estar necessariamente na redação à frente do computador. Novos terminais como *tablet* e *smartphone* passaram a ser ferramentas indispensáveis dos profissionais de comunicação, não só pela sua elevada portabilidade como pela conectividade e facilidade de acesso à internet². Servem de meio de contacto, de câmara de filmar, de gravador de áudio, de bloco de notas, etc.. Estes novos meio e ferramentas aumentam: o imediatismo, a possibilidade de transmitir a história e a notícia num prazo mais reduzido; aumentam a multimedialidade³, possibilidade de escolha mais alargada do formato e suporte, seja digital, físico, vídeo, áudio, gráfico, verbal, não-verbal. Há, portanto, um conjunto de meios e ferramentas ao serviço do jornalista que lhe permite escolher o melhor ou os melhores formatos de enquadramento do facto, do acontecimento.

¹ A metáfora é atribuída ao jornalista brasileiro, Professor Dr. Rosental Calmon Alves, membro do Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação. Faz relação entre o conceito de ecologia de Ernest Haeckel em 1869 com o de ecologia mediática, introduzido por Neil Postman em 1968, baseado nos conceitos propostos por Marshall McLuhan em 1964.

² Conclusões com base no primeiro estudo sobre a utilização da internet por parte dos jornalistas portugueses, realizado em 1998 por Helder Bastos e publicado em 2000 e no estudo, *A Internet em Portugal*, da empresa Vector XXI para a Associação Portuguesa de Imprensa.

³ Ramón Salavérria descreve multimedialidade como “informar para os cinco sentidos”, na publicação *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. (2014, p.25– 52), organizado por João Canavilhas.

Esta diversidade de escolha é ela própria a afirmação da suscetibilidade da multimedialidade ao serviço do jornalista. Paralelamente, se é verdade que facilita o trabalho ao jornalista, também o onera com a necessidade da sensibilidade da escolha do meio e formato do conteúdo informativo a produzir. A escolha da linguagem da mensagem é decisiva na hora da escolha do seu consumo. Assim, a escolha da mediação da mensagem é fundamental para o sucesso do seu consumo, na lógica da apresentação que mais interessa ao público-alvo ou cujo *digest*⁴ seja mais apetecível ou sedutor.

A TSF – Rádio Jornal⁵, surgiu inicialmente como um órgão de informação, suportado na tecnologia de emissão e receção de radiodifusão de ondas hertzianas em frequência modelada. Uma rádio, na sua aceção tradicional. Assim funciona desde 1989, desde a fundação por Emídio Rangel e destacou-se no ‘éter’ como uma rádio de referência na informação com blocos noticiosos de trinta em trinta minutos. É esta a entidade acolhedora na realização do estágio, com a duração de três meses, que aqui é relatado, dando enfoque às funções desempenhadas, às escolhas e decisões durante o processo e a experiência que me permitiu acumular.

⁴ Forma de consumo do conteúdo informativo.

⁵ Originalmente Rádio Jornal, passou mais tarde para Rádio Notícias. TSF abrevia a expressão Telefonia Sem Fios.

CAPÍTULO 1 – A entidade acolhedora: TSF – Rádio Notícias

O orientador do estágio na TSF foi o jornalista e Diretor Executivo, Ricardo Oliveira Duarte, que em conjunto com o Subdiretor Anselmo Crespo e a Coordenadora Online Joana Baptista, coordenaram o meu percurso nesta fase e foram propondo funções, tarefas e lançando desafios. Assim, estruturei este relatório com base no percurso nos departamentos: Online e Multimédia e o desempenho para a realização de uma reportagem multimédia.

1.1. Breve história da Rádio em Portugal

O surgimento da rádio enquanto *medium* deve-se aos estudos experimentais de James Clerk Maxwell em 1863, na cidade inglesa de Cambridge. O professor de física experimental, demonstra teoricamente a possibilidade de existência de ondas eletromagnéticas. A comunidade académica e científica recebeu com entusiasmo esta descoberta, e o desafio que esta proposta apresentava, e rapidamente serviu de ponto de partida para a sua comprovação e materialização prática. Concretizando-se, seria um enorme avanço tecnológico. Heinrich Hertz, físico alemão, construiu, em 1887, na universidade de Karlsruhe⁶ o oscilador⁷. Hertz construía assim o primeiro engenho

⁶ Hertz foi professor no *Karlsruher Institut für Technologie* (KIT), um instituto de ensino superior técnico, estatal do Reino da Prússia à altura, atual Alemanha.

⁷ O oscilador é um aparelho composto por duas esferas de bronze polido, separadas entre si e ligadas a uma bobine que lhes descarrega altas tensões. O faiscamento provocado pelas descargas elétricas, preenchendo ar entre as duas esferas e fechando o circuito, oscilava conforme a tensão elétrica em trânsito. O movimento de oscilação do faiscamento entre as esferas emitiria, segundo Hertz, radiação eletromagnética. Para comprovar a hipótese de James Clerk Maxwell, Hertz contruiu um recetor composto por uma espira aberta com uma esfera em cada extremidade, a uma distância curta.

emissor e recetor de ondas eletromagnéticas sem fios. As ondas hertzianas. O físico alemão, descobriu com esta experiência, que a eletricidade se desloca na atmosfera na forma de onda à velocidade da luz em vácuo (300.000km/s). Inspirado por esta inovação tecnológica, o cientista sérvio Nikola Tesla desenvolve o próprio oscilador, os seus próprios aparelhos e motores, fazendo a primeira transmissão contínua de energia por ondas rádio, numa demonstração em 1893⁸ na cidade norte-americana de St. Louis. Mais tarde, em 1894, Guglielmo Marconi cria um sistema prático, de telegrafia sem fios, com o qual realiza em 1899 a transmissão através do Canal da Mancha. A paternidade da descoberta da rádio foi atribuída a Marconi até 1943 quando o Supremo Tribunal dos Estados Unidos deu razão a Nikola Tesla, reconhecendo o registo válido da patente do invento que apresentara em 1893⁹.

Em 1914, Fernando Cardelho de Medeiros cria a primeira estação portuguesa, a rádio Hertz, realizando, a 24 de abril, uma emissão experimental escutada por três ouvintes. As emissões com mais regularidade surgem dez anos mais tarde, em 1924 com a criação do posto emissor P1AA-Rádio Lisboa¹⁰ com a estação amadora CT1AA, de Abílio Nunes dos Santos Júnior que funcionava nos Grandes Armazéns do Chiado, representantes em Portugal das marcas de fabricantes *Philips* e *R.C.A.*. Américo dos Santos, um dos pioneiros do projeto, aproveitou a experiência para fundar a primeira rádio, a Rádio Graça, em Lisboa. Em 1928, Jorge Botelho Moniz e Alberto Lima Bastos, durante a ditadura militar, na transição da Primeira República para o período do Estado Novo, fundam o posto emissor CT1DY que, viria a tornar-se, em 1931 na Rádio Clube Português, anteriormente designada por Rádio Parede e Rádio Clube da Costa do Sol/CT1GL. A partir dos anos 30, o Estado nacionaliza todo o serviço de radiofonia, radiofusão e radiotelevisão pelo decreto-lei 17899 de 29 de janeiro de 1930 com o objetivo de a supervisionar, controlar e censurar. No mesmo ano é criada a Direção Geral dos Serviços Radioelétricos, que fica na dependência dos CTT, empresa que passa a gerir e implementar a rede nacional de emissores,

Se os cálculos de Hertz estivessem corretos, a radiação eletromagnética emitida pela oscilação do faiscamento vai induzir corrente na espira, provocando, em consequência, faiscamento. O que veio a verificar-se.

⁸ Nikola Tesla faz a primeira demonstração pública de transmissão radioelétrica a 1 de março de 1893 na cidade norte-americana de St. Louis. Tesla fez o anúncio das descobertas e da realização do evento, numa palestra a 23 de fevereiro no *Franklin Institute* em Filadélfia onde descreveu os princípios fundamentais da comunicação rádio.

⁹ Registo da Patente: US514169 A

¹⁰ Alterado em 1925 para CT1AA

com a compra à Marconi de dois emissores: um de onda curta e outro de onda média. Durante o período do Estado novo (1933-1974) realizam-se as primeiras emissões experimentais da Emissora Nacional, órgão propagandístico do regime. Em 1937 a Rádio Renascença, Emissora Católica Portuguesa dá início às suas emissões, com a transmissão em onda média. A BBC (British Broadcast Corporation), inaugurou em Portugal uma secção em 1940, onde cinco anos depois, Fernando Pessa anuncia aos portugueses o fim da Segunda Guerra Mundial. A este período do pioneirismo de senfilistas, até ao início da profissionalização e da evolução dos fatores tecno ambientais, Rogério Santos (2007) designa de *paleorádio*, que dura até meados da década de sessenta.

No dia 25 de abril de 1974, um golpe militar põe fim ao regime do Estado Novo. Nesse processo, a rádio foi fundamental e assumiu um papel decisivo em várias formas, como na emissão de temas musicais que serviam de senhas-código¹¹ para o desempenho de ações militares, para a divulgação dos diversos comunicados¹² e para informar o público do processo em curso. A tecnologia de televisão já se encontrava disponível e utilizada como *medium* de emissões regulares a partir de 1957, mas a rádio ainda dominava o ecossistema mediático e o seu enraizamento tecno-cultural era maior por ser o *medium* mais presente nos domicílios em território português¹³. A aquisição de aparelhos recetores de televisão não estava ao alcance do poder de compra da generalidade dos portugueses, ao passo que os aparelhos de rádio eram menos onerosos. A maioria dos automóveis já vinham equipados com estes aparelhos, e a sua portabilidade e miniaturização aumentavam a sua utilização e popularidade.

¹¹ A primeira senha foi lançada às 22 horas e 55 minutos do dia 24 de abril e sinalizava as tropas para avançar. A senha era o tema “E depois do adeus” de Paulo de Carvalho, lançada pelo locutor em serviço João Paulo Diniz na Rádio Alfabeta dos Emissores Associados de Lisboa. A segunda senha que dá sinal para o desencadear das operações era a primeira quadra da música “Grândola Vila Morena” de José Afonso e foi para o “ar” às zero horas e vinte minutos do dia 25 de abril, no programa *Limite* de Leite Vasconcelos na Rádio Renascença.

¹² O primeiro comunicado foi difundido no Rádio Clube Português às quatro horas e 26 minutos da madrugada de 25 de abril de 1974 pela voz do jornalista Joaquim Furtado em nome dos militares do “Movimento das Forças Armadas”, no qual se apelava à calma e a que a população permanecesse em casa.

¹³ Cfr. Bibliografia: Reis & Lima, 2014

A transição para o novo regime democrático, a partir de 1974, foi também marcada pela reestruturação do modelo e propriedade das rádios em posse pública ou privada. O movimento militar, designado por M.F.A. (Movimento das Forças Armadas), marcou quase de imediato a sua posição perante as liberdades de imprensa com a promulgação da “nova Lei de Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema”¹⁴. A Empresa Pública de Radiodifusão surge em 1975, em resultado da nacionalização de várias emissoras existentes, e viria a transformar-se em Radiodifusão Portuguesa-Empresa Pública-RDP¹⁵. O principal objetivo da criação deste órgão é prestar ao cidadão português o serviço público de radiodifusão¹⁶. O novo enquadramento legal relativamente às liberdades cívicas, simultaneamente com a facilidade de acesso aos meios técnicos de radiodifusão, levou ao surgimento e proliferação de muitas emissoras locais. Contabilizavam-se mais de 400 pelo final da década¹⁷, resultante em parte também da desregulamentação do setor. Neste vazio de legislação aplicável, estas pequenas emissoras, geralmente locais, familiares e até unipessoais ficaram conhecidas como rádios piratas¹⁸. Estas pequenas emissoras foram fundamentais para o desenvolvimento do espaço público e do amadurecimento democrático dos próprios cidadãos e do novo sistema político. Muitas vezes pioneiras no jornalismo cívico e jornalismo cidadão. Algumas delas, ligavam-se a causas, inspiradas pelas “rádios livres”¹⁹, emitidas de lugares incertos, de navios e da Europa e norte de África. O panorama radiofónico até aqui desregulado, mas efervescente, ia começando a criar experiências legislativas e sucessivos enquadramentos jurídicos e legais iam criando lastro. Assim, as leis que regulam o setor surgem nos anos de 1988 e 1989²⁰. Até à

¹⁴ Programa do MFA de 10 de setembro de 1975, Documento informativo nº1, Processo nº 04.05.01

¹⁵ Contrato de concessão do serviço público de radiodifusão sonora entre o Estado Português e a RDP.
<http://www.erc.pt/documentos/legislacaosite/ContratoConcessaoServicoPublicoRadiodifusaoSonora.pdf>

¹⁶ Meirelles (1996) Serviço Público é, na conceção de Meirelles a prestação de utilidade ou comodidade material destinada à satisfação de uma coletividade e que o Estado assume e presta, por si mesmo ou por quem o represente, sob um regime de direito público.

¹⁷ Cristo, Dina. (2001). “Para a história da rádio em Portugal”. Revista observatório de comunicação. Lisboa: Obercom.

¹⁸ “É neste contexto que em 1977 surge o primeiro projeto pirata: a Rádio Juventude. Mas só a partir de 81/82 se dá o verdadeiro *boom*, enquanto na Europa o fenómeno teve projeção desde os anos 60.” REIS, Ana Isabel. (2012)

¹⁹ Cfr. Bibliografia: CHEVAL. J. (2012)

²⁰ “Entre 1988 e 1989, o número de profissionais de rádio duplicou, e na transição das piratas para a legalização das locais, 1987-91, a rádio passou de 53 para 268 profissionais registados na Comissão da Carteira Profissional (Rebelo, 2011).” (Reis, 2012, apud Rebelo, 2011)

promulgação da Lei da Rádio²¹ o panorama radiofónico encontrava-se dividido numa espécie de duopólio²² entre as rádios públicas, constituídas pelo grupo da RDP e as privadas, encabeçadas pela RR (Rádio Renascença) que detinha uma rede de emissores resultante da “Campanha dos Novos Emissores”. Estamos, aqui, no período do *neorádio*²³, marcado pelo advento e predomínio da FM (Frequência Modulada)²⁴, os programas de autor e a sustentabilidade do modelo de negócio suportado pela publicidade. É neste novo enquadramento legal e paradigma tecnológico que surge a TSF.

²¹ Lei n.º 87/88, de 30 de Julho Assembleia da República Exercício da atividade de radiodifusão (Lei da Rádio). (“Diário da República”, I Série, n.º 175, de 30 de Julho de 1988)

²² Cfr. Bibliografia: SOUSA, H. (2002)

²³ Termo de Rogério Santos (2007) que designa o período iniciado com o predomínio da FM.

²⁴ A rádio FM é o processo de transmissão de informação, utilizando modulação em frequência. É uma faixa de transmissão que permite a transmissão de uma emissora dentro de um espectro que abrange 87,5-108,0 megahertz (MHz)

1.2. Sumário histórico da TSF – Rádio Notícias

“rádio bissexta, 24h/dia de música e notícias”

(Emídio Rangel, 1988)

A primeira emissão da TSF – Rádio Jornal²⁵, realizou-se a 29 de fevereiro de 1988, ainda na era da rádio pirata. No ano seguinte concorre ao concurso nacional de atribuição de alvarás e licenças para operadores privados de radiodifusão, sendo-lhe concedida uma licença para uma rádio local em Lisboa. O processo esteve longe de ser pacífico, com trocas de pressões e acusações entre governo, D. Manuel Martins (à altura bispo de Setúbal e em representação dos interesses da RR e sua extensa rede de emissores) e vários jornalistas do Centro de Formação de Jornalistas. Dando conta disso mesmo, o JN (Jornal de Notícias), na sua edição de 21 de fevereiro faz manchete dessa controvérsia: “Rádio Locais - O escândalo alastra”. Divulgados os resultados das atribuições, em Lisboa, ficou em primeiro lugar a Presselivre na qual estava um dos membros da Comissão Consultiva da Rádio, o que levantou alguma polémica, e que ocupou a maior frequência com a Correio da Manhã Rádio. No Porto, ficou a Rádio Nova da Sonae com a primeira classificação e, em segundo, a Rádio Press à qual estava também ligado um dos elementos da Comissão. Em segundo lugar em Lisboa ficou a TSF. Apesar de se ter candidatado também no Porto, foi excluída, ficou em sétimo lugar, depois da Rádio Universidade do Porto.

A fundação da TSF, em 1989, tem na sua génese o trabalho das diversas partes associadas: a Cooperativa TSF, membros de O Jornal²⁶ e da FNAC²⁷. Fizeram parte da Cooperativa original, Emídio Rangel, David Borges e Fernando Alves. Mais tarde a propriedade e financiadores da TSF foram mudando, tendo sido propriedade da Controlinveste Media e atualmente do Global Media Group²⁸. A rede de emissores que detém, cobrem essencialmente a região norte e centro, mas detém também emissoras

²⁵ Designação original. Hoje Rádio Notícias.

²⁶ Deu lugar em 1993 à revista Visão

²⁷ Fábrica Nacional de Ar Condicionado.

²⁸ O Global Media Group é proprietário dos *media*: Jornal de Notícias, Diário de Notícias, TSF, Dinheiro Vivo, O Jogo, Motor 24, Evasões, Volta ao Mundo, Delas e NM

locais no sul do país. Assim, apesar de ter a classificação de rádio regional, a sua cobertura estende-se à quase totalidade do território continental de Portugal.

Para auxiliar a sedimentação da imagem e identidade da marca junto do público, a TSF acrescenta à sua designação a expressão “Rádio Notícias”. Esta expressão cataloga sinopticamente a função e objetivo desta rádio, e é apresentada graficamente no logotipo da estação. Tendo em conta este recurso de imagem gráfica, a TSF optou pela utilização de *slogans*²⁹. Atualmente, o *slogan* em utilização é: “Tudo o que se passa, passa na TSF.”. Esta expressão é utilizada ao longo da emissão e funciona como identificador da estação e constroem aquilo que, para David Aaker³⁰, é a “personalidade” e “atitude” da marca. Servem o propósito de estabelecer associações na mente do consumidor quando pensam em determinada marca, fortalecendo a sua construção de imagem.

1.3. Motivos da escolha da entidade acolhedora

A TSF – Rádio Notícias é, na minha opinião, a rádio que melhor produz informação e cujo formato organizativo dos blocos noticiosos, de meia em meia hora, mais privilegia o ouvinte que procura uma informação imediata, clara e esclarecedora. Para além do nível de qualidade informativa, a TSF apresenta nos seus espaços musicais, a playlist e o perfil de seleção musical de melhor gosto e qualidade, sendo quanto a mim, das melhores também a esse nível, no âmbito nacional. A sua redação é composta por jornalistas de grande qualidade nas diversas áreas, o que se reflete na qualidade da informação prestada em antena e que torna a TSF numa estação de rádio de informação de referência.

Na verdade, a rádio sempre me seduziu. A magia da suscetibilidade de criar no ouvinte um espaço mental de imaginação, motivado apenas pela palavra e o som. Pessoalmente, motiva-me o aperfeiçoamento do aparelho vocal, a busca pela melhor “plástica” da oralidade, as formas da leitura e do registo mais apropriado a cada

²⁹ Slogans da TSF: A paixão da rádio / Tudo o que se passa, passa na TSF / Por uma boa história vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo.

³⁰ Professor da Universidade de Berkley na Califórnia, E.U.A., especialista em marketing.

conteúdo e a cada género. Sendo um entusiasta e ouvinte desde criança, a decisão de fazer o estágio na TSF foi absolutamente natural. É a minha rádio preferida, logo o estágio seria na minha “cadeira de sonho”.

O espírito de atualização, de vanguarda e modernismo, transversal da redação à direção, têm colocado invariavelmente a TSF no pioneirismo na utilização e adoção de novas tecnologias, meios e ferramentas. Mais do que pioneira no *cluster* das rádios, a TSF é pioneira no ecossistema mediático. Foi pioneira ao lançar o seu *site*³¹ em 1996, ao adaptar-se na forma e conteúdos para *smartphone* e *tablet* em 2010 e 2011 e pioneira na aposta que faz no multimédia e redes sociais, presentemente.

No campo da programação, a TSF sempre primou pela criação de programas de humor e entretenimento que se tornaram marcantes como “Zé Manel Taxista” com Maria Rueff, que integrou também o programa “Denise e Maria Delfina” com Ana Bola, “Tubo de Ensaio” de Bruno Nogueira ou mais recentemente “Governo Sombra”, apresentado por Carlos Vaz Marques, com Ricardo Araújo Pereira, Pedro Mexia e João Miguel Tavares.

1.4. A Redação

A redação da TSF é sofisticada e modernizada, sobretudo após a mudança de instalações do Edifício Altejo na Matinha para as Torres De Lisboa. A entrada nas instalações da TSF é direta para o centro da redação. Uma sala retangular, comprida, com duas salas de vidro em cada extremidade, ladeadas por um corredor que contorna as instalações, passando por todos os departamentos. As salas de vidro, uma é o principal estúdio de emissão, a da outra extremidade é o gabinete do Diretor, Arsénio Reis. Pelo meio, várias fileiras de secretárias, na primeira, logo a seguir ao gabinete do Diretor trabalham, o Subdiretor Anselmo Crespo, Ricardo Oliveira Duarte, meu orientador durante este estágio, período no qual transitou das funções de Editor Coordenador do Departamento Online para as de Editor Executivo. Senta-se também nessa fila Pedro Pinheiro, Diretor de Publicidade. As filas seguintes são ocupadas pelo

³¹ O endereço online (URL) da TSF é www.tsf.pt

Departamento de Programação e Animadores em trabalho fora de estúdio. Seguem-se as filas dos diversos departamentos da Informação, Economia, Política, Desporto, entre outros. Mesmo antes do estúdio principal fica a “ilha” onde se sentam as quatro jornalistas responsáveis pelas edições à “hora” e “meia hora”.

Senti um ambiente de grande profissionalismo e compromisso. As pessoas são simpáticas, colaborantes, cumprimentando-me sempre, oferecendo ajuda e encorajando o meu espírito de iniciativa para abordar qualquer pessoa. Notei também um espírito de grande colaboração entre os departamentos não necessariamente ligados à redação, como o de Produção, Programação e Animadores. Foi fácil rapidamente ter alguns laços com pessoas de diversos departamentos. As caras, algumas delas familiares do “meio”, com quem me cruzava noutras situações e outras mais conhecidas como os jornalistas João Alexandre e Vitor Cordeiro que já conhecia de ter partilhado redação na Rádio Universidade de Coimbra e no Jornal Universitário A Cabra.

CAPÍTULO 2 – Departamento Online

Na primeira fase do estágio, e enquanto me ambientava à TSF e ao espaço e colegas da redação, foram-me atribuídas tarefas de teste e adaptação no Departamento Online. Numa primeira fase, acompanhado e enquadrado pela jornalista Teresa Alves e mais tarde também pela nova Editora Online, Joana Baptista³². As tarefas recaíam essencialmente na escrita multimedializada de notícias para o site dentro das práticas da redação.

2.1. As alterações provocadas pela Internet

A emergência de novos e sucessivos *media*, não vieram substituir os *media* existentes anteriormente. Vieram antes reforçar e concentra-los na sua função e especificidade. Mais à frente vamos ver a forma como os grupos económicos, proprietários dos *media* compreenderam isso mesmo e agora apostam numa estratégia de convergência.

Os computadores rapidamente substituíram a máquina de escrever em todas as redações independentemente do *medium* que seja. A nova máquina passou a fazer parte da nova paisagem tecno-cultural e a afirmar-se enquanto meio predominante na produção de trabalho. É a fase do jornalismo assistido por computador³³. A sua influência no processo de trabalho acentuou-se ainda mais ao passar a ligar-se em rede, na *internet*³⁴. O advento do computador e da internet têm vindo a transformar o jornalismo em webjornalismo.

³² Substituí, durante o período do meu estágio, as funções até aí desempenhadas pelo jornalista Ricardo Oliveira Duarte. A nova Coordenadora Online vem do grupo Media Capital onde desempenhou funções na Rádio Comercial.

³³ Nora Paul classifica-o como: “Processo de recolha de informação através da utilização do computador”

³⁴ Em 1991, a CERN lança o World Wide Web standard (WWW), invenção do cientista britânico Tim Berners-Lee em 1989.

2.2. Webjornalismo em modelo digital multimédia

*“aos jornalistas da rádio
impõe-se hoje um conhecimento mais alargado
que não se resume a contar os acontecimentos através do som.
Exige-se uma linguagem multimediática, hipertextual e interativa.
Exigem-se, enfim, novos perfis profissionais com o que isso implica em termos de
formação, valores e práticas profissionais”*

Luís Bonixe, 2011

A redação da TSF é uma verdadeira redação integrada³⁵. Ou seja, uma redação que engloba os diversos departamentos: desporto, economia, política, programação, edição de noticiários, online, trânsito e multimédia no mesmo espaço. Esta configuração do espaço físico da redação permite e promove o diálogo e a troca de ideias entre os diversos profissionais e entre os vários departamentos. Isto resulta numa espécie de sentimento de participação e envolvimento de toda a redação na produção noticiosa e de conteúdos da TSF. Esta configuração do espaço físico visa também potenciar os conteúdos informativos, noticiosos ou mediáticos no formato e plataforma que melhor sirvam esses conteúdos. Em última análise a escolha final do suporte ou dos suportes é da responsabilidade dos editores, mas em virtude da configuração do espaço e do modelo de produção, essas decisões resultam de várias discussões e conversas na redação. Essa decisão vai refletir-se no tratamento a dar ao conteúdo, que pode ser para uma notícia para a antena, uma notícia para o site, um vídeo para o Facebook, uma imagem para o Instagram. A revolução tecnológica resultou numa fragmentação de públicos e a dispersão da atenção e procura por conteúdos específicos em meios específicos, e é com base na constatação desta nova realidade que a TSF se desdobra para levar o melhor conteúdo pelo *medium* certo ao

³⁵ É na conceção de Ramón Salaverria (2003) uma redação que reúne todos os departamentos e meios de forma a potenciar a multimedialidade dos conteúdos produzidos.

público alvo. Desta forma, a capacidade e os recursos de multimedialidade da TSF, permitem-lhe a apresentação multiplataforma dos seus conteúdos, chegando ao seu público da forma que este prefere e lhe seja mais confortável, ou que simplesmente vá de encontro à forma que prefere fazer o *digest* do conteúdo apresentado.

O *continuum* de inovações tecnológicas, reflete-se na constante metamorfose no jornalismo e nos *media*. Encontrei a redação da TSF com esse estado de espírito, sobretudo na atitude dos editores e diretores, e no encorajamento que fazem aos redatores e repórteres no sentido da maximização dos recursos disponíveis para que se tire o maior partido das características de multimedialidade da plataforma utilizada. Os repórteres saíam para as reportagens, entrevistas ou eventos de agenda não apenas com um microfone e um gravador, mas também com um *smartphone*, máquina fotográfica, entre outras ferramentas. A multiplicidade de meios e ferramentas permite o alargamento do campo semântico do conteúdo a ser mediado, oferecendo assim ao público a forma de consumo que mais lhe agrada.

2.3. Técnicas de redação e multimedialidade no Departamento Online

A chegada de informação à redação processa-se por várias vias: Por via de agência, como a LUSA e a Reuters, agenda de eventos culturais, sociais e políticos, contactos com fontes, informação de repórteres e até pela busca ativa do redator nas redes sociais, em pesquisa de dados para criação de conteúdos informativos ou amplificação multimediática de outro conteúdo existente. Decorre daqui, que observei nas práticas da redação da TSF a forma como o jornalista se desdobra no seu trabalho enquanto *gatekeeper* e *gatewatcher*³⁶. Esta função varia conforme a forma de obtenção do conteúdo a tratar para a produto informativo final. Daqui, cabe ao redator, em coordenação com os colegas redatores e a pessoa designada para editar, perceber para quais plataformas deve ser produzida a notícia e de que forma para que se sejam aproveitadas as suas potencialidades multimediáticas.

³⁶ Axel Bruns (2003) atenta para a forma e o papel do jornalista perante a informação. Se exclusiva, torna-o *gatekeeper* e *gatewatcher* na sua função de pesquisa (redes sociais, blogs, wikis) de dados para construção noticiosa.

A TSF utiliza as plataformas: Rádio (radiodifusão em FM), Web rádio, (emissão online), *site*³⁷ (com recurso a push, emissão online, vídeo, foto galeria, layout para conteúdo em destaque e de última hora e layout para as diversas secções informativas e programas), Facebook³⁸, Twitter³⁹ e Instagram⁴⁰.

Perante esta realidade multiplataformas, a TSF disponibiliza à sua redação uma plataforma própria de produção em BackOffice⁴¹ que permite construir a notícia escrita, anexar outros conteúdos como fotografia e vídeo, a introdução de *links*⁴², e incorporar *media* sociais como por exemplo incorporar no texto da notícia uma declaração (post) do Twitter ou outras. Daqui, parte-se para a opção das plataformas a publicar o conteúdo ainda em ambiente BackOffice. Esta ferramenta de produção permite essa multiplicação de rumos possíveis de tratamento da informação e a suscetibilidade de multimediar o conteúdo e a sua amplitude semântica.

O tipo de trabalho padrão neste departamento prende-se com a procura de informação e dados suscetíveis de tratamento para criação de conteúdo noticioso. Essa busca passa por contactar fontes, consultar as agências de informação, outros órgãos e a pesquisa de dados em redes sociais. Escolhida a informação, parte-se para a fase de escrita da notícia na plataforma BackOffice da TSF para que depois prossiga para o *site* e outras plataformas.

Para analisarmos a técnica e metodologia da redação usaremos aqui o da pirâmide deitada. Não que seja oficialmente adotado ou praticado, mas em virtude de ser um modelo cuja construção teórica é comparável com metodologia da TSF. Este modelo decorre dos conceitos em discussão entre João Canavilhas (2006) e Salavérria (2005). Este modelo implica o recurso a um estilo narrativo que permite ao leitor a escolha do iter e a forma como lê a notícia em oposição à leitura em linearidade forçada da pirâmide invertida, ela própria, sinónimo de Jornalismo. Assim, perante os

³⁷ www.tsf.pt

³⁸ <https://www.facebook.com/tsfradio/>

³⁹ <https://twitter.com/tsfradio>

⁴⁰ @tsfradio / <https://www.instagram.com/tsfradio/>

⁴¹ Plataforma software gerencial, de administração e produção de notícias e conteúdos.

⁴² Ligações para endereços URL externos.

desafios de escrita de notícias⁴³ para o “online”⁴⁴, por parte da jornalista Teresa Alves ou do Orientador Ricardo Oliveira Duarte, a orientação é a inclusão de técnicas que assegurem a multiplicidade do iter de leitura, como a inclusão de hipertexto, dividir a notícia em blocos de texto e utilizar conteúdos de outras fontes, como vídeos, ligações para um post no Twitter, ou incluir um clip áudio utilizado na emissão.

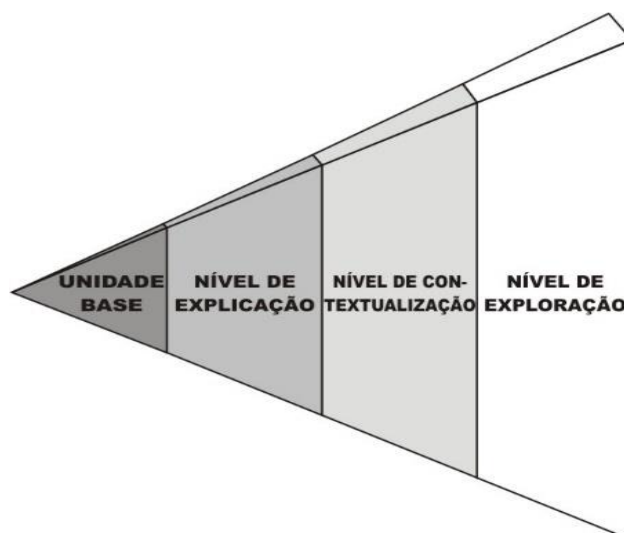


fig.1 pirâmide deitada (Canavilhas 2006)

Um dos principais fatores que condicionam a escolha do meio a veicular determinado conteúdo, dentro do leque de plataformas disponibilizadas pela TSF, é o grau de imediatismo. O fator tempo, em conjugação com o nível de noticiabilidade de uma determinado acontecimento, torna-se determinante e justifica muitas das escolhas na criação da notícia, a sua forma e o meio que a publica. Neste paradigma, podemos comparar outro modelo, o do “Diamante da Notícia”, de Paul Bradshaw⁴⁵, que classifica o tipo de conteúdo lançado por um órgão em relação com a proximidade do acontecimento.

⁴³ Prefiro chamar-lhe conteúdos, uma vez que já não se pode falar em notícia na sua aceção tradicional.

⁴⁴ Gíria da redação da TSF para as plataformas *site* e Facebook na fase de produção em BackOffice.

⁴⁵ Professor na Universidade de Birmingham onde coordena o curso de Multimédia para Multiplataformas e Jornalismo para Dispositivos Móveis.

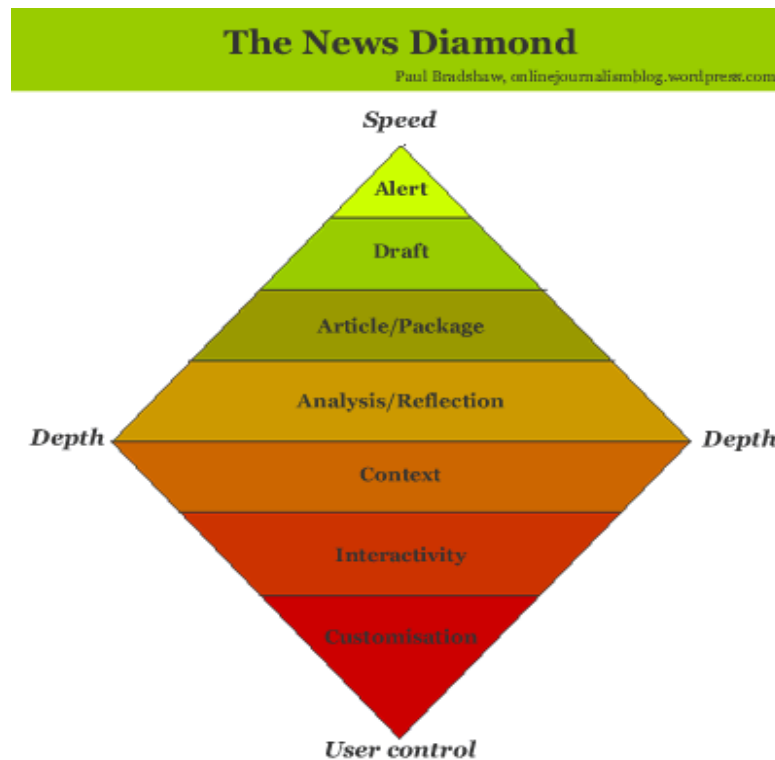


Fig.2 diamante da notícia (Paul Bradshaw 2007)

Enquadrando o tipo de conteúdo informativo produzido para as várias plataformas pelo departamento online em relação à proximidade com o acontecimento, a primeira resposta da TSF no que Bradshaw define como *Alert*, é um título que surge como alerta no *browser* do utilizador pelo sistema *push*. Um *Draft* é usualmente um curto parágrafo com as informações disponíveis confirmadas ou em citação de outro órgão, geralmente acompanhado da expressão “em atualização”. Vai crescendo o nível de multimedialidade e junta-se por exemplo um clip da emissão da TSF no corpo da notícia online e partilhar este conteúdo no Facebook. Os tipos de profundidade seguintes, são enquadráveis à medida que é possível acrescentar as informações completas, acompanhar de enquadramento com *link* para outros conteúdos externos, ou internos (tipo dossier), juntar comentário jornalístico ou de fontes extra-acontecimento. Diferentes níveis de interatividade são obtidos com a possibilidade de comentário e partilha em redes sociais pelos utilizadores do site ou redes sociais da TSF.

Com a experiência na redação no Departamento Online fui-me apercebendo por observação e aprendizagem do método de produção e os resultados finais desejados dentro de um determinado padrão estético observável. Por observação, no

sentido em que muitas vezes tentava perceber a forma como os colegas desempenhavam o seu trabalho e com que método. Ou seja, fazia um trabalho de absorção de métodos e procedimentos e recebia, nos termos de Breed, por “osmose”⁴⁶, para que entrasse na rotinização do trabalho mimetizando e replicando os comportamentos e métodos de construção da notícias e conteúdos para que mais se aproxime à fasquia de qualidade estabelecida pelo padrão de lastro das outras notícias já publicadas. Também Gaye Tuchman (1978) descrevia a forma como a “empresa jornalística” se esforça para rotinizar o trabalho e as suas fórmulas. No entender desta socióloga, o conhecimento dos processos rotineiros de processamento dos diferentes tipos de *estórias* noticiosas, permite aos repórteres desempenhar o seu trabalho com maior eficácia. Há muita pressão, existe a pressão do tempo, existe a pressão da melhor metáfora para o melhor título na competição com os outros órgãos, existe a pressão de lançar a notícia antes dos outros órgãos, existe a pressão de lançar com o máximo (traduzindo-se em “quanto baste” e “com critério”) de elementos de áudio, vídeo, links, hipertexto e principais reações ou declarações de Twitter ou Facebook. No meio deste turbilhão informativo, sobra pouco tempo para que um colega possa despende a ensinar-me ou a explicar algo. Naturalmente o faziam, pela grande generosidade e disponibilidade de todos, mas nunca fiquei à espera que o Ricardo Oliveira Duarte me viesse explicar algo uma segunda vez, ou me viesse explicar a política de redação, mais depressa esperava, como aconteceu, receber pressão, exigência e o insistente: “Então?! Já está?”. Sentir o que é o ambiente frenético da redação.

⁴⁶ Ao debruçar-se sobre a Teoria Organizacional, Nelson Traquina em *Jornalismo* (2002), cita Breed (1955/1993) para explicar esse processo de “socialização” na redação: “Todos, com a excepção dos novos, sabem qual é a política editorial. Quando interrogados, respondem que a aprendem “por osmose”. Em termos sociológicos, isto significa que se socializam e “aprendem as regras” como um neófito numa sub-cultura. Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e valores.”

2.3. Conclusões sobre a parte do estágio no Departamento Online

Realizei várias notícias para o online. Varias tentativas e testes em busca da melhor semantização multimídia, da escrita mais apelativa, a melhor metáfora para o título, o vídeo mais demonstrativo, a imagem mais ilustrativa, o som mais esclarecedor. Não é fácil escrever uma notícia no seu sentido tradicional e mais difícil se torna com tantas ferramentas e recursos à disposição. O fator tempo e a pressão pelo melhor conjunto de escolhas foi nesta fase do estágio o maior choque no meu percurso de rotinização e osmose na redação. Várias vezes me senti desiludido com a minha capacidade escrita e criatividade nessas circunstâncias. Admito ter sentido algum desânimo e até alguma descrença nas minhas capacidades de expressão escrita. De referir que o nível de exigência da TSF já era conhecido por mim. Sempre soube que não ia ser fácil.

Não o afirmo no sentido de uma possível autocensura, mas apercebi-me de que a pressão do tempo, do imediatismo é altamente limitadora da minha capacidade de expressão linguística satisfatória, pelo menos ao nível daquilo que considero a minha expressão escrita satisfatória e competente. Foi a minha maior dificuldade no que toca à escrita para o “online”. A escrita tem de ser sintética, clara e objetiva. Residiu aqui outra das batalhas internas, a luta pela capacidade de síntese. A TSF tem, para além dos tradicionais números de audiometria por via da emissão radio, contabilidades e estatísticas dos utilizadores nas várias plataformas, desde visualizações, número de cliques, origem do tráfego, o que procuram e, um dado fundamental para perceber as tendências do utilizador, o tempo que despendem no consumo/leitura/audição/visualização de cada conteúdo. Números que apresentavam tempos de permanência muito curtos em cada conteúdo. Com estes dados, a Direção e Edição Online decidiu por um formato de textos curtos, geralmente três parágrafos curtos sem frases longas. Um título, uma imagem, uma abertura, um vídeo/um clip de áudio/um tweet, e o corpo da notícia. Senti dificuldades de adaptação a este formato. Dificuldades não pelas technicalidades da incorporação multimídia, mas pela dificuldade em ser sintético. Apercebi-me, durante o processo de aprendizagem, tentativa e erro, de que após uma construção inicial do texto, começava a cortar invariavelmente nos parágrafos explicativos. Essencialmente as partes mais explicativas ou de contexto da versão inicial eram as primeiras que eliminava, ou que

me explicavam porque eliminar, em detrimento de outras coisas. Esta competência da escrita sintética e mimética é uma técnica difícil de dominar, e na minha experiência desembocou noutra dificuldade, que é a de criar um texto diferente do obtido da fonte ou da agência noticiosa. Ou seja, cabia-me desenvolver uma técnica híbrida entre o registo telegráfico da agência e mais sintético do que o da peça radiofónica.

Na verdade, durante todo o tempo do estágio, apesar de passar a desempenhar outras tarefas e desafios, nunca deixei a rotina produtiva do “Online”. Continuei todos os dias de manhã a iniciar a minha sessão no BackOffice, aceder à LUSA e Reuters e ficar “de olho na atualidade”.

A redação do Departamento Online da TSF utiliza como padrão produtivo, uma aplicação prática de vários modelos. Um modelo híbrido próprio, que resulta da própria identidade da TSF. Um dos modelos adotados, e adaptados, é o de Pirâmide deitada⁴⁷, que de uma forma natural acaba por se adequar às plataformas que a TSF dispõe e as envolve na produção noticiosa e está inconscientemente enraizada no procedimento produtivo. Quanto mais absorvia os métodos de produção dos colegas de redação, mais me apercebia da proximidade a este modelo. A velha pirâmide invertida⁴⁸, percussora da “santa objectividade”⁴⁹ não desapareceu, atualizou-se.

Analisando o estado da TSF, há alguns modelos de análise propostos por vários teóricos, com os quais podemos enquadrar a TSF e o seu desenvolvimento. Segundo o modelo de análise de Pavlik⁵⁰, a TSF encontra-se na Fase 3, a qual, segundo este

⁴⁷ João Canavilhas (2006), baseando-se na Teoria de Robert Darnton com 6 níveis de leitura, apresenta a Pirâmide deitada com 4 níveis de leitura: Unidade Base, onde se apresenta o essencial da notícia e do factos, correspondendo mais ao menos ao Lead; Nível de Explicação, onde se aprofunda a resposta a “Porquê” e “Como”, complementando a unidade anterior; Nível de Contextualização, com informações adicionais, vídeos, clips de som, infografia, outra imagem representativa; Nível de Exploração, com ligações para outros sites, referências externas como redes sociais.

⁴⁸ Mar de Fontcuberta, professora e jornalista, no seu estudo/obra de 1993, *La noticia: Pistas para percibir el mundo*, situa a “invenção” da Pirâmide Invertida no período da Guerra Civil Americana (1861 – 1865), durante o qual os jornalistas informadores criaram a técnica de redação que consistia na estruturação da informação em três blocos (lead, dados secundários e final), geralmente parágrafos, que hierarquizavam o nível de informação ao longo da notícia. Para priorizar a chegada de informação a todos os jornais, os operadores de telégrafo alinhavam os jornalistas e cada um transmitia em primeiro lugar o primeiro parágrafo, o lead.

⁴⁹ Referência à comunicação de Mário Mesquita a convite da Câmara Municipal de Cascais e do Clube de Jornalista em 1996, “Em Louvor da Santa Objectividade”.

⁵⁰ Pavlik, (2001). Para o académico norte-americano, há 3 fases na transição de jornalismo para o webjornalismo: Fase 1 – Os conteúdos disponibilizados online são uma versão fac-similar dos apresentados no medium tradicional; Fase 2 – Criação de conteúdo exclusivo para web, pode integrar hiperligações, imagens, vídeos, áudio; Fase 3 – A produção de conteúdos exclusivos web recorrendo a todos os elementos multimédia para a construção de uma narrativa multimedializada própria.

autor, é a dos conteúdos produzidos para versões *online*, tirando o maior proveito das características do novo meio, mas também com a presença de características da Fase 2, a qual é a da produção com base a vídeos, sons, imagens de terceiras partes, aqui incluídas por hiperligação. Outro modelo de análise é o de Cabrera Gonzalez⁵¹, segundo o qual podemos concluir que a TSF se encontra na fase Digital e Multimédia, na medida em que apresenta *layout* próprio, *layout* para 'Última Hora', links, comentário, interatividade elevada com o leitor/ouvinte/utilizador e o aproveitamento das potencialidades multimédia em ambiente digital.

CAPÍTULO 3 – Departamento Multimédia

Como nos temos vindo a aperceber até aqui, um órgão de referência, que prime pela excelência e que quer oferecer aos seus anunciantes um número desafiante de tráfego, cliques e visualizações, tem de se manter a par das tendências de consumo⁵² por parte dos utilizadores em ambiente *online*. Tem de comunicar de forma mais diversificada, mais colorida, mais rápida, mais multimedializada. Assim, nesta torrente transformadora, os media rapidamente se aperceberam da necessidade de investir neste departamento, quer em recursos humanos, técnicos com vista à produção de conteúdos próprios e exclusivos.

A resposta da TSF acompanha a mudança e aposta na redação integrada, englobando emissão radiofónica, *online* e multimédia. Em consequência dessa redação integrada, verifica-se o fenómeno da “convergência”, visto por muitos académicos da comunicação como o futuro, e o modelo de negócio que vai salvar o jornalismo. A convergência mediática resulta da alocação de meios técnicos e recursos humanos numa redação que produz para uma multiplicidade de plataformas e formatos. Isto resulta em notícias e conteúdos transversais a todo o conjunto de

⁵¹ A docente de comunicação e jornalismo desenvolveu um modelo de análise que comporta 4 fases na evolução de jornalismo para webjornalismo: Facsimilar, Adaptado, Digital e Multimédia.

⁵² Em 2003, o estudo A Internet e a Imprensa em Portugal lançava boas pistas para começar a identificar as novas tendências. O estudo revela que a maioria dos utilizadores procura informação personalizada, informação com suporte multimédia, muitas atualizações e interatividade.

plataformas do órgão de comunicação, permitindo ao utilizador consumir a informação da forma que preferir.

Dentro das propostas de definição de Salaverria (2003) e Jenkins (2004), a Convergência Mediática é o conjunto de possibilidades resultantes da cooperação entre os meios analógicos e digitais. Mais plataformas representam mais conteúdos e mais conteúdos significam mais espaços publicitários. Mais visibilidade do anunciante, logo mais hipótese de lucro.

No paradigma português, a convergência mediática ocorre no âmbito do mesmo órgão de comunicação. Pontualmente já vamos encontrando exemplos de convergência tática, que ocorre quando por exemplo uma rádio se junta a um jornal para realizar uma entrevista, como as Entrevista TSF/DN, ou uma televisão cooperar com um jornal, ou jornais entre si. Previsivelmente a convergência de futuro deverá ir no sentido da convergência empresarial, ou seja, as empresas, potenciarem a criação de uma redação integrada transversal a todos os órgãos do grupo, permitindo com a troca de saberes e especializações individuais, tirar ainda mais partido das potencialidades de todos os órgãos ao serviço do grupo de media.

É nesta perspetiva da possibilidade de amplificação do lucro por via destes novos desafios e ilusões da convergência que os media estão em processo⁵³ de investimento nos seus departamentos de multimédia de forma à criar mais conteúdos, de preferência próprios e exclusivos e alargarem a sua visibilidade e lucros.

3.1. Produção de conteúdo próprio

Neste contexto da era multimédia e da convergência, as redações começaram a aperceber-se da necessidade de produção de conteúdos próprios em suporte diferente do seu de origem. Assim, também a TSF compreendeu a necessidade de criação de conteúdos em vídeo e imagem dos quais sejam autores e proprietários.

⁵³ Para Jenkins (2003) a Convergência é um processo em curso, facilitado pelas tecnologias digitais e telecomunicações com implicações no campo tecnológico, profissional, empresarial, editorial e de público. Permite a integração de novas ferramentas e meios nos conteúdos até aqui desagregados e promove a criação de novos métodos de trabalho e procedimentos técnicos que se refletem em novos tipos de conteúdos adaptados e distribuídos nas várias plataformas mediante a linguagem própria de cada um. (Também reforçado por Salaverria 2003)

Esta medida permite evitar a integração de links externos nos conteúdos da TSF e substituir conteúdos de vídeo e imagem de outros órgãos pelos seus, na medida do possível. Da mesma forma esses novos conteúdos criados em formatos diferentes dos habituais são suscetíveis de ser usados, divulgados, citados, e noticiados por outros órgãos.

O desafio para desempenhar tarefas no Departamento Multimédia surgiu numa reunião com o Subdiretor Anselmo Crespo, o Editor Executivo Ricardo Oliveira Duarte, a Coordenadora Online Joana Baptista e a técnica multimédia Ana António. A proposta é, devido ao meu curriculum já ter alguma experiência no audiovisual, juntar-me ao Departamento Multimédia onde fiquei sob a supervisão da Ana António e com as tarefas conjuntas de aumentarmos a produção de conteúdos próprios da TSF.

As hipóteses de produção de conteúdo vídeo numa rádio como a TSF são muitas. Quase diariamente há entrevistas em direto a diversas personalidades notáveis desde políticos, músicos, escritores, comediantes, desportistas. Pessoas cuja visibilidade é altamente sugestiva à criação de conteúdos com impacto.

A rotina no Departamento Multimédia estava altamente dependente da agenda, ou seja exigia coordenação, por exemplo com o jornalista Manuel Acácio, responsável pelo programa Fórum TSF, parte das Manhãs TSF, cuja informação da presença de um convidado em estúdio podia exigir a preparação do estúdio e da equipa para se filmar, coordenação com jornalistas destacados para uma reportagem para cobrir determinado evento ou acontecimento que poderia ter interesse ter imagens vídeo ou fotográficas, e naturalmente com as chefias que determinavam que conteúdos produzir. Desta forma, acompanhado pela Ana António, diariamente montava o material nos diversos estúdios onde fosse ocorrer uma entrevista. Este material era tratado de várias formas: corte integral *in/out*, no caso de se colocar a entrevista *online* na íntegra no site, no caso de um jornalista, geralmente o entrevistador, solicitar toda a entrevista para a tratar de forma noticiosa para escolher posteriormente os excertos a utilizar. Daqui decorre a outra forma que é montar uma sequência de excertos com base nos *timecodes*⁵⁴ fornecidos pelo jornalista que trabalha a notícia. Por vezes outros órgãos de comunicação, geralmente televisões pediam determinadas

⁵⁴ Balizas temporais: informação do tempo na sequência de onde se efetua o corte de entrada e de saída.

entrevistas na íntegra da qual faziam material próprio *a posteriori citando geralmente com a expressão em informação gráfica: Cortesia TSF.*

Por vezes eram publicadas entrevistas quer na íntegra, cujo consumo se destina a um utilizador em computador portátil ou de secretária, visto ser um conteúdo mais longo⁵⁵, quer montadas e editadas em sequências mais curtas entre um minuto e trinta segundos e três minutos, que se destinam a consumos mais imediatistas como nas redes sociais e acedidos por suportes móveis como *tablets* e *smartphones*. Neste sentido dos suportes móveis e tendências de consumo nas redes sociais, começa a ganhar força a metodologia de apresentação de legendagem e muito conteúdo escrito, sobretudo “sublinhados” das expressões-chave da notícia. A razão é que se verificou que na grande maioria das vezes o utilizador não ativa a funcionalidade áudio e assiste à maioria dos vídeos sem áudio. Durante o estágio foi-me proposto realizar vários testes de conteúdos que acompanham esta tendência e perceber a possibilidade de repetir a fórmula e manter essa nova apresentação gráfica, estética e informativa.

Também neste departamento senti algumas dificuldades, apesar da minha experiência acumulada e cometi alguns erros, parte do processo de aprendizagem. O primeiro de todos prendeu-se com a captação vídeo de entrevistas, que devem obedecer também elas a regras de objetividade e de imparcialidade. Habitado a um estilo de filmagem pouco convencional, porventura até alternativa, usei alguns desses recursos para filmar uma entrevista. O que foi um erro. É certo que o videojornalismo goza de uma plasticidade maior na sua construção, em relação aos modelos clássicos e muito rígidos do vídeo televisivo, mas tem de manter intactos os princípios do jornalismo. Assim, o recurso a planos fechados (apertados), grandes planos e close up é desaconselhado pois podem causar ruído, desviar a atenção do espetador e a intimidade e emotividade que esses planos induzem, são opostas a uma imagem informativa, objetiva, neutra e imparcial. Ao escolher uma parte de uma entrevista em grande plano, o vídeo jornalista e em última análise o próprio órgão de comunicação, pode estar a dar a ideia de comprometimento com o entrevistado ou com o tema da resposta. Incorri neste erro no meu 11º dia de estágio. Numa entrevista ao Secretário-geral da CGTP-IN, Arménio Carlos, conduzida pelo jornalista Vítor Cordeiro, fiquei no interior do estúdio 4, onde se desenrolou a entrevista, e apesar da preparação prévia

⁵⁵ Salvo exceções, o tempo médio das entrevistas na íntegra rondava os 45 minutos.

e cuidada no posicionamento das câmaras, decidi alterar o plano da câmara principal durante a entrevista para planos mais aproximados. Esta decisão foi errada e como consequência não foi possível enviar o vídeo da entrevista para as televisões por não obedecer a esse critério de uma imagem estática e de plano aberto.

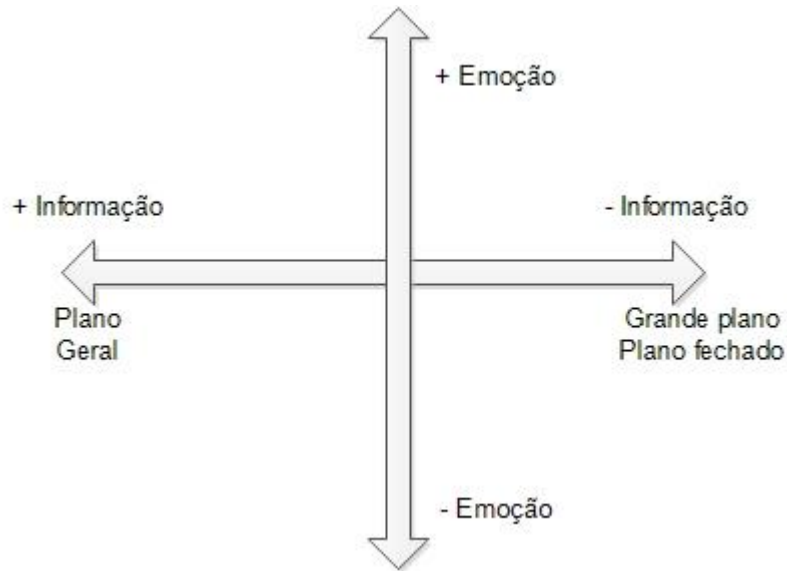


Fig.3 classificação de planos

Assim, com base nesta figura e com a aprendizagem, passei a realizar as entrevistas em plano geral (aberto), estático e a posição relativa da câmara à mesma altura do objeto, o que comunica horizontalidade, na medida em que o entrevistado está ao mesmo nível do espetador.

O *site* da TSF é dinâmico e apelativo, com os títulos que remetem para as notícias sempre acompanhados e ilustrados por imagens ou vídeos que se reproduzem automaticamente, mostrando assim muita cor e movimento. Um dos fatores que contribui em boa medida para isso e parece ser uma aposta de sucesso é a incorporação no canto superior do layout de uma foto galeria. Este recurso permite apresentar uma revisão em imagens de um acontecimento, geralmente identificável pelo utilizador sem necessidade de comentários ou explicação. As imagens podem ser obtidas de várias formas, seja por fotojornalistas do grupo Global Media Group ou por via dos acordos com a agência LUSA e Reuters. Após o domínio do ambiente em

BackOffice e a forma de introdução das imagens, realizei algumas foto galerias, conteúdos sempre bastante vistos pelos utilizadores das várias plataformas da TSF.

3.2. Construção de arquivo

Como nos temos vindo a aperceber, são os hábitos e as formas de consumo dos conteúdos que estão na génese na alteração da forma de construção da notícia e dos conteúdos de informação. Neste paradigma tecno-ambiental, o vídeo e a imagem ganham ainda mais importância, daí ser interessante a forma como uma rádio está empenhada nesses recursos. Assim, a apresentação de conteúdos fica dependente da forma de obtenção das imagens. Assim, a fonte, proveniência das imagens passa a gerar um lastro nos conteúdos e o utilizador pode aperceber-se de que os conteúdos multimédia apresentados, raras vezes são de produção própria e são incorporação no layout de links externos, provenientes de outras fontes. Isso, num órgão, mesmo que não seja no seu cluster, mas que é de referência, deve apresentar na medida do possível o máximo de conteúdo, exclusivo, de produção própria e original. Assim, para permitir maior independência de fontes externas, fui convocado para uma reunião com o Subdiretor Anselmo Crespo, a Coordenadora Online Joana Baptista e o Diretor Executivo Ricardo Oliveira Duarte onde se discutiram várias ideias, entre elas uma hipótese de se criar uma *newsletter*, sendo que para isso era necessário um arquivo de vídeo. A ideia era a incluir um vídeo diariamente nesse e-mail da newsletter com uma descrição dos temas do dia pela voz de um jornalista ou animador ilustradas por fotos e vídeos do arquivo próprio da TSF. Assim, já que tinha todos os dias comigo a minha máquina de filmar, ofereci-me para ir captando vídeos que servissem de arquivo, nessa lógica. Assim, no dia 5 de outubro, integrei a equipa da TSF destacada para a cobertura das Comemorações da Implantação da República, na Praça do Município em Lisboa. Era o evento perfeito para cumprir uma série de objetivos. Estavam presentes o Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, O Primeiro-ministro António Costa, vários membros do governo, muitos deputados dos vários quadrantes políticos, havia polícia, aparato mediático, muitos populares, enfim, muitos motivos para registar tudo isso em vídeo e dividir, tratar e etiquetar devidamente para arquivo. Daqui, evolui para a segunda fase, que era a de captar edifícios públicos ou não mas

que possam ilustrar o máximo de conteúdos possível, como por exemplo o edifício da Assembleia da República, bancos, tribunais, monumentos, habitações. Por fim, transportes, pessoas, elétricos, autocarros, barcos, locais diversos. Algumas coisas não eram possíveis de obter com muita facilidade, como alguns desempenhos de profissões, coisas técnicas como a impressão de dinheiro, feitura de medicamentos, situações agricultura e agropecuária. Estes conteúdos eram obtidos com base a algumas fontes online que permitem a utilização sem contrapartidas de direitos de autor.

O resultado de um arquivo desta natureza nunca pode ser algo fechado. Tem de estar em constante atualização e acrescento. Desde o início até ao fim do período do estágio, desenvolvi um arquivo de 452 ficheiros, num total de 78GB.

3.3. Concerto de Bolso

Concerto de bolso é um programa de música ao vivo coordenado por José Carlos Barreto com lugar na parte da tarde da grelha⁵⁶ de emissão da TSF. A periodicidade deste programa é fluída pois os programas são realizados com base em dois critérios, a pertinência do convite a um artista ou uma banda e o agendamento com a disponibilidade entre os artistas e a própria disponibilidade do Estúdio de Continuidade⁵⁷ e dos próprios elementos do departamento multimédia. Nem todos os programas foram captados em vídeo, por questões de agenda do departamento ou por decisão editorial superior. Nesses casos é publicado o áudio do programa mas acompanhado por uma fotografia tirada durante o programa. O Concerto de Bolso é composto por duas partes de entrevista num registo coloquial entre José Carlos Barreto e os artistas e dois temas tocados ao vivo. A produção técnica áudio está a cargo do técnico Paulo Dias, sendo que por vezes a função foi desempenhada pelo técnico José Guerreiro. O trabalho do técnico é estabelecer a montagem de microfones e sistemas de captação da sonoridade produzida pelos artistas para uma

⁵⁶ Grelha de programas da TSF: <http://www.tsf.pt/programacao.html>

⁵⁷ Designação do estúdio secundário, mas praticamente uma réplica do principal. Algumas pessoas na redação também lhe chamam “estúdio gémeo”.

mesa de mistura que faz o balanceamento e equalização do som a emitir e gravar. O horário de emissão deste programa é entre as 14 e as 15 horas.

Devido à grande “visibilidade” de uma rádio de referência e de implantação nacional como a TSF, pelo Concerto de Bolso passam os principais nomes da música nacional. Da mesma forma, esses nomes provocam o interesse de outros públicos e pessoas que seguem as suas carreiras. Assim, filmar o Concerto de Bolso, fazendo uma boa montagem a várias câmaras e com a qualidade da captação sonora da TSF, passou a ser um dos mais importantes conteúdos produzidos pelo Departamento de Multimédia e com maior sucesso de visualizações pelos utilizadores das várias plataformas da TSF. O sucesso passa qualidade da captação áudio e uma montagem vídeo dinâmica, estável e com várias câmaras, o que proporciona conteúdos de muito boa qualidade para o utilizador e mesmo do ponto de vista do artista que acaba por ter tanto interesse na partilha do conteúdo que a própria TSF.

As minhas tarefas neste processo de produção passavam essencialmente por me coordenar com a Ana António⁵⁸ e proceder numa primeira fase à preparação e montagem do estúdio. Adotamos a seguinte estratégia: Em primeiro lugar procedíamos à colocação de dois projetores de iluminação em cada lado do estúdio. A colocação das câmaras, duas fixas em tripé e duas móveis, estava dependente da forma como os artistas se posicionavam e usavam o espaço do estúdio. Só depois é que procedemos ao posicionamento das câmaras fixas e percebemos onde podem ficar as câmaras móveis e em que limites de espaço podem operar sem ser captadas pelas outras. Tudo decisões e operações para desempenhar muito rapidamente para não causar transtorno aos artistas e ao trabalho dos outros colegas. Julgo que por via dessa coordenação com a Ana António, fizemos uma boa equipa com eficiência produtiva e bons resultados em termos de qualidade⁵⁹.

⁵⁸ Técnica do Departamento Multimédia que me supervisionava e instruía.

⁵⁹ Por vezes alguns artistas iam a programas semelhantes de outras rádios que também disponibilizam esses conteúdos em vídeo, mas comparativamente sem os mesmos meios nem a mesma qualidade final.

3.4. Conclusões sobre o Departamento Multimédia

Do ponto de vista da aprendizagem e do enriquecimento pessoal no domínio de técnicas e de utilização de *software* e ferramentas de montagem e edição, estou muito grato pelas novas competências adquiridas ao longo do estágio. No domínio da técnica, o estágio permitiu-me manusear diversos tipos de máquinas de filmar e fotografar e conhecer o seu funcionamento e technicalidades. Cada tipo de máquina tem as suas especificidades, daí que seja importante perceber que tipo de máquina mais se adequa a cada situação. No plano da utilização de *software* de edição de vídeo, o Departamento de Multimédia utiliza dois programas: o Edius⁶⁰ e Premiere Pro⁶¹. O Edius mais intuitivo e prático, virado para a produção de televisão e o Premiere mais virado para a produção vídeo mais versátil e com maiores recursos. Acredito honestamente que a aprendizagem adquirida no sentido teórico das metodologias e sentido prático da utilização das ferramentas, me tornaram mais versátil e independente. Permitiu-me que me tornasse mais autónomo do desempenho das minhas funções e desafios propostos.

A proliferação e democratização da parafernália tecnológica, acessível a todos, contaminou o jornalismo e a forma dos *media* comunicarem e produzirem informação. O *continuum* de inovações tecnológicas revolucionou não só a forma como se acede aos conteúdos, a forma como são lidos e naturalmente a forma como são produzidos. A variedade e plasticidade dos novos recursos e ferramentas abre uma infinidade de potencialidades a explorar e rentabilizar pelos grupos mediáticos. A convergência mediática e empresarial confirma que há um novo modelo de negócio que reverteu a crise em que o modelo de negócio do jornalismo se afundava.

Assim, o investimento da TSF na produção de conteúdos próprios multimédia suscetíveis de multiplicação em várias plataformas é um investimento na própria imagem da empresa e na visibilidade dos seus parceiros e anunciantes.

⁶⁰ Desenvolvido pela canadiana Grass Valley (Company), o Edius é um programa de edição de vídeo idealizado para profissionais de televisão.

⁶¹ Programa de edição de vídeo digital desenvolvido pela Adobe Systems Incorporated, Inc., empresa norte-americana sediada em San José na Califórnia que se dedica, desde 1982, ao desenvolvimento de programas de computador virados para edição de áudio, imagem e vídeo.

O tema da convergência mediática e a convergência empresarial vão, certamente dominar todos os debates em torno do futuro do jornalismo e podem reconfigurar a paisagem dos *clusters* mediáticos como os conhecemos hoje. As potencialidades oferecidas pela multimedialidade na construção dos novos conteúdos informativos, tem levado os *media* a investir nestes departamentos com técnicos, jornalistas e os novos meios e ferramentas. Dentro da TSF, é um departamento em evolução e aposta por parte da administração. A produção de conteúdos para alimentar o *site*, e as três principais redes sociais, Facebook, Twitter e Instagram, é uma mais-valia, especialmente útil para a visibilidade pública da TSF e para trazer tráfego de utilizadores às diversas plataformas que dispõe.

CAPÍTULO 4 – Reportagem multimédia

Segunda-feira, 10 de Outubro de 2016, era o meu 15º dia de estágio. Nessa manhã não tinha de me apresentar nas instalações da TSF, ao invés foi-me proposto que levasse uma câmara de filmar e fosse acompanhar um protesto dos taxistas, convocado para essa manhã pelas associações sindicais do setor. A organização tinha previsto um cortejo para a manifestação cuja partida foi marcada para a zona lisboeta do Parque das Nações e o seu fim em frente à Assembleia da República. Essa chegada podia acontecer a qualquer momento do final da manhã. Saí de casa à hora normal, poucos minutos depois das oito horas, tinha tempo. O quarto que arrendei era num prédio na Rua dos Duques de Bragança, no Chiado, logo muito próximo. Optei por me deslocar a pé e aproveitei para fazer algumas filmagens pelo caminho, para arquivo, dos elétricos, os cafés, as estátuas e a azáfama de turistas e transeuntes.

Chegado à praça em frente à escadaria de acesso à Assembleia da República, procurei imediatamente a melhor posição para obter as melhores filmagens. Por essa altura as forças policiais montavam as barreiras que impediam a ocupação das escadas e a logística das televisões montava um palanque na praça para que se posicionassem câmaras. Entendi não ficar numa posição completamente frontal ao edifício e escolhi um posicionamento oblíquo que me permitia incluir no plano mais área de estrada de forma a poder enquadrar nos planos mais viaturas táxi. Montei rapidamente o material, mas sempre muito abordado por curiosos e turistas que, perante o aparato mediático percebiam que algo se ia passar. Muitos me

perguntaram para que televisão estava a trabalhar. Apesar da massada, não perdi a oportunidade de explicar às pessoas o que estava a fazer e como esse será uma tendência de futuro.

Tudo a postos, material montado. A praceta começava a compor-se com alguns populares que se juntavam uns por curiosidade, outros em solidariedade com as razões do protesto dos taxistas. Estranhando a demora do cortejo, que tinha varias paragens pelo seu percurso, liguei a emissão *online* da TSF no meu *smartphone* para perceber pelos meus colegas destacados para outros locais, o ponto de situação do protesto. No noticiário fiquei a saber que o cortejo estava na zona do aeroporto onde já tinha havido desacatos entre taxistas e motoristas da plataforma Uber. Não havia previsão de saída ou continuação do cortejo. Antes de ir almoçar, aproveitei o local para continuar a construção de arquivo filmando o palácio da Assembleia, edifícios públicos, bancos e de ensino superior que se situam nas imediações.

Durante o período de almoço e início da tarde a manifestação encontrava-se parada na Rotunda do Relógio bloqueando-a. É uma zona nevrálgica na entrada da cidade de Lisboa e uma das principais saídas do aeroporto. Ao longo de toda a tarde não estavam claros os planos dos taxistas e a organização do protesto. A única certeza é que estavam parados “no relógio”.

Começava a aproximar-se o fim do dia e, por conseguinte, o final do horário diário acordado para o estágio. Por essa hora já me encontrava bastante cansado. Tinha sido um dia de bastante calor e já andava há longas horas pela cidade carregando uma mala metálica com um computador portátil, a camara, os carregadores, cabos, microfones, um foco de luz e na outra mão o tripé da camara. Os outros órgãos de comunicação social já estavam também a desmontar o material e a abandonar o local. Estava a preparar-me para dar o dia como findo. Não havendo taxistas na Assembleia da República, preparava-me para regressar a casa. O arquivo que tinha feito nesse dia era satisfatório para não dar o dia como perdido.

O caminho para casa era duro. Subir a Calçada do Combro com o material todo foi penoso. Pior ainda com o cansado acumulado e o calor que ainda se fazia sentir no final da tarde. À medida que me aproximava do Largo do Chiado, inquietavam-me pensamentos contraditórios. Por um lado estava exausto, por outro estava com

vontade de ter feito filmagens do protesto que tantas vezes antecipei mentalmente durante o dia. Estava decidido. Meti-me no metro em direção ao aeroporto, que é a estação mais próxima da Rotunda do Relógio na esperança de ainda conseguir algum conteúdo relevante.

Cheguei ao aeroporto no crepúsculo e ainda havia uma pequena caminhada até ao “relógio”. Pelo caminho, filas de táxis a perder de vista ocupavam as faixas de rodagem do aeroporto até à rotunda. Era o grande “boneco”⁶² do momento. Os taxistas bloqueavam uma das principais artérias e entrada da capital do país. A imagem tinha tanto de informativo como de sinistra. Aquela hora a maioria dos carros estavam desocupados, não se ouviam as buzinas que tão insistentemente tocaram durante os diretos ao longo do dia. Segui os carros até à rotunda. Aí, centenas de taxistas alinhavam-se em frente da uma tenda branca que servia o jantar. Pareceu-me o pretexto ideal para obter uma visão diferente do acontecimento e conversar com os manifestantes num contexto mais informal e descontraído. Por entre sopas e sandes que eram distribuídas pela organização aos participantes do protesto, ia obtendo declarações e percebendo em conversa os motivos da sua contestação e os planos para o resto da noite. Apercebi-me que a rotunda estava dividida. De um lado os taxistas, centenas. Do outro um forte dispositivo policial, com muita polícia de choque, polícia de intervenção, muitos agentes em motociclos e reboques. Os números das forças presentes eram elevados e o potencial explosivo daquela situação era grande. Queria captar isso, a tensão pelo forte contingente policial presente, por outro lado os taxistas, no impasse enquanto aguardam as declarações do representante do governo no programa “Prós e Contras”⁶³ da RTP onde também estavam presentes os seus representantes sindicais, mas assegurando a sua posição de manter o bloqueio da Rotunda do Relógio até se chegar a uma conclusão com base no programa. Entretanto os taxistas jantaram, ouviram o relato de um jogo da seleção que também decorria e montaram um projetor e um ecrã-tela para assistir ao programa. Naturalmente não perdi a oportunidade de registar um plano de um radio de um dos taxistas sintonizado no relato da TSF. Após a obtenção de entrevistas com taxistas que jantavam, com os que distribuía os jantares e com um representante da Federação Portuguesa do

⁶² Gíria jornalística para uma imagem representativa de um determinado acontecimento.

⁶³ Episódio número 25, emitido durante o bloqueio. Contou também com representantes das plataformas Cabify e Uber. Disponível em: <http://www.rtp.pt/play/p2233/e253898/Pros-e-Contras>

Taxi, recolhi mais alguns planos do momento em que os taxistas assistiam ao programa no centro da rotunda. Aproveitei esse momento para me acercar do grupo de jornalistas que estava reunido à entrada da rotunda mesmo no espaço entre os táxis e o principal cordão policial. A minha primeira preocupação foi procurar a jornalista Isabel Meira, enviada como repórter pela TSF para fazer os diretos para os noticiários. Ficou espantada por me ver, não era espectável encontrar um estagiário a trabalhar aquela hora e perguntou-me se me tinham enviado. Respondi que não, e expliquei a ideia inicial de registar o protesto na Assembleia da República, mas que devido à alteração do rumo dos acontecimentos e a hipótese da experiência me levou a continuar. Mostrei o que já tinha recolhido e a jornalista Isabel Meira reagiu dizendo que só faltava ouvir alguém das forças policiais envolvidas na operação. Certamente a comunicação cinésica explícita no meu olhar motivou um sorriso à minha colega que, sem lhe pedir, se prestou a levar-me ao posto de comando móvel da P.S.P. onde me apresentou o Comissário Sérgio Soares, porta-voz da Polícia para questões de imprensa. Pedi-lhe que me deixasse entrevista-lo para obter declarações sobre a posição das forças policiais perante o bloqueio. Acedeu e esclareceu-me que não haveria qualquer intervenção do corpo policial até ao final do programa e introduziu o dado novo que caso os taxistas tomassem a decisão de manter o bloqueio, que rebocariam os táxis. Aproveitei para filmar a intervenção em direto da jornalista Isabel Meira num dos noticiários. Usar esse plano montado com o som da emissão iria dar uma ideia no produto final de multimedialidade, de simultaneidade, até de futurismo visto tratar-se de uma rádio. Não filmei partes do rosto da jornalista. Quis manter um pouco da magia da rádio. Intrigado com este braço-de-ferro político ocupei-me a captar planos das forças policiais que se revezavam e reforçavam e com os taxistas nas suas conversas e planos de ação. Estava rendido, era o paraíso jornalístico. Por um lado tinha e sentia a liberdade total de movimentação e filmagem dos taxistas, por outro, mediante regras, receber declarações das forças policiais e ainda a decisão de uma situação tensa que estava a decorrer em direto na televisão. Queria captar tudo aquilo, queria mostrar tudo aquilo. Havia correntes de opinião entre os taxistas que a luta deveria ser “até ao fim” e que não abandonariam a “decisão” de “ficar”. A maioria estava apreensiva, na expectativa do regresso dos seus representantes para uma tomada de posição. Interessei-me pelos primeiros. Havia ideias interessantes. Uma corrente de opinião defendia que não deveria haver confronto com a polícia e que se

trancassem dentro dos veículos. Outra era a de abandonarem em massa os veículos, tornando o trabalho de remoção dos táxis num “pesadelo” para a polícia.

O programa tinha terminado. O projetor, tela, tenda de apoio ao jantar, tudo arrumado. Os taxistas juntavam-se agora em torno de uma camioneta de caixa-aberta com um gerador e colunas de som. A polícia reforçava muito visivelmente o número de efetivos no cordão policial. As televisões estavam em direto e os ânimos estavam agora mais agitados. Eu estava sempre a gravar, mas agitado, a capacidade de armazenamento estava a chegar ao limite e o mesmo se passava com a bateria depois de tão intensivo uso ao longo de todo o dia. Guardei os minutos finais para registar a chegada dos representantes sindicais e discussão subsequente. Agora todos os momentos em que ligava a câmara eram preciosos. A maioria dos *cameramen* das televisões posicionou-se no espaço entre o cordão policial e camioneta. Mas o meu feeling ia para que, quando os dirigentes sindicais subissem para cima da carrinha, se dirigissem aos colegas de frente, logo de costas para as câmaras. Posicionei-me desse lado, junto dos taxistas que me pareciam os mais esclarecidos ou interventivos nas conversas ao longo da noite.

A bateria acabou. Mesmo na altura em que chegava o veículo que trazia os representantes dos taxistas. A “Espada de Dâmocles” caía-me na cabeça. Tive de improvisar. Rapidamente corri em direção ao local onde confiei o meu material, abri a mala e tirei o carregador da câmara. De volta à posição pedi à pessoa da organização que estava a tratar da sonorização da camionete se me permitia ligar o carregador ao gerador. Estava salvo. Como previsto, os representantes dos taxistas dirigiram-se aos colegas voltados para o lado em quem se concentravam, o que obrigou à mudança de posição da maioria dos *cameramen*. Agora tinha tudo, os representantes explicaram um princípio de acordo com o governo e os taxistas concordaram em desmobilizar. O trabalho estava feito, só faltava voltar para casa. Metro fechado, não há táxis. Fui a pé até ao Chiado ainda a digerir toda aquela adrenalina do acontecimento e do sentido de missão cumprida.

Ao longo dos dias seguintes, entre outras funções e tarefas, estive a editar e a montar a reportagem sobre os acontecimentos da véspera. Tinha imenso material, era mais de uma hora em “brutos”. Comecei por rever todo o material para delinear uma

estratégia de montagem. Tentar perceber qual seria a melhor sintaxe da montagem, a melhor semantização dos acontecimentos, a melhor retórica para o pragmatismo pretendido. Optei inicialmente por fazer uma montagem cronológica, em que incluía os sons de antena que davam conta do início do protesto e depois algumas intervenções de noticiários, os quais ia “pintando” com as imagens que tinha. Mas era um *incipit* fraco e que não captava a atenção. Foi o próprio Ricardo Oliveira Duarte, meu orientador, que me chamou a atenção para essa situação. Não preciso de ser tão descritivo ou cronológico. Recomendou-me que procurasse o momento chave do que presenciei. Pediu-me uma reportagem sobre o bloqueio da Rotunda do Relógio. Essa era a minha “notícia” e não um resumo sobre o protesto do taxista, que isso já tinha sido sobejamente noticiado na emissão e nos *media*. A Coordenadora Online Joana Baptista também acompanhou de forma próxima o processo produtivo da reportagem. Pediu-me com insistência que usasse apenas os planos mais estáveis, menos tremidos, as imagens esteticamente mais apazíveis e que não escolhesse planos que possam causar ruído à receção do utente. No mesmo sentido o Subdiretor Anselmo Crespo pediu-me atenção aos pormenores, de forma a que o resultado final fosse o mais “polido” e que criasse um conteúdo de boa qualidade.

A primeira montagem tinha mais de 10 minutos. Era cronológica e continha muitas declarações e muito extensas. Tinha de procurar e identificar o lead visual. Esse lead é o próprio bloqueio. Então decidi iniciar a reportagem com a declaração de Carlos Ramos Presidente da Federação Portuguesa do Táxi, em que dizia aos seus colegas que o bloqueio era para manter: “Eu não saio daqui”. Era a premissa, o *incipit* certo para os desenvolvimentos seguintes, que evoluíram cronologicamente até ao final em que a organização do protesto anuncia o fim do bloqueio. A versão final ficou com 1 minuto e 58 segundos. É um conteúdo dinâmico de montagem acelerada e vários níveis de informação. A duração é curta, destinada a consumo em várias plataformas e suportes. Pretende captar a atenção do utilizador até ao fim sem o cansar. A reportagem vídeo foi colocada no *site* em destaque e partilhada nas redes sociais.

Conclusão

Ao longo deste Relatório de Estágio, pudemos verificar que o mundo dos *media* está em transformação. O ecossistema mediático está diferente. Durante o relatório debruçamo-nos sobre a forma como a TSF se encontra numa fase, mais do que em adaptação, está já a ajustar um novo modelo adaptado. Concluimos que as respostas aos novos hábitos e formas de receber os conteúdos por parte do utente são diversificadas e ajustadas às novas exigências. Concluimos que a TSF é hoje muito mais do que uma rádio. Posiciona-se de uma forma mais vertical cruzando atividades do mesmo setor mas alargadas a diversas áreas e indo ao encontro dos consumidores seja qual for a sua ação no ecossistema.

Este estágio ocorreu numa fase de mutação do mercado na qual os grupos económicos detentores dos *media* estão em processo ou em resultado de fusões, aquisições, parcerias. Entre os quais se encontra o Global Media Group, proprietário da TSF. Pude confirmar isso, pois durante o estágio, a TSF mudou de instalações para as Torres de Lisboa, onde o grupo agora concentra a sua sede e as suas outras publicações e títulos. É a metáfora perfeita para a palavra que centra o debate entre os pensadores do jornalismo e da comunicação: convergência. Foi nesta metamorfose ponderada que encontrei a TSF e a sua redação. Foi contagiado por esse espírito que decidi realizar um estágio menos convencional. Quis estar a aprender onde estão os novos meios, a nova comunicação, onde vai estar o futuro. Amo a rádio, toda a vida fui um entusiasta. À partida imagino que a expectativa fosse que o meu estágio estivesse mais ligado à ação vocal, à escrita de peças radiofónicas, de notícias escritas e lidas. Também o fiz durante o estágio, mas não foi nessa forma de comunicar que quis centrar a minha aprendizagem na TSF. Preferi desenvolver as minhas competências na escrita *online*, na narrativa digital, na infinidade de possibilidade do multimédia. É esta a principal conclusão que retiro do estágio.

O estágio teve de tudo. É um treino intensivo. É um choque com uma realidade de pressão diária, de máxima exigência, da volatilidade da rotina. Precisei de capacidade de adaptação rápida e acelerar a osmose das políticas e práticas da redação. Senti os efeitos do *stress*, comecei a fumar e dupliquei os consumos diários de café. Tornei-me muito mais exigente com o meu trabalho e particularmente o

domínio das técnicas de comunicação. Confrontei-me com grandes dúvidas. Que parágrafo apagar, que título escolher, que plano cortar, que parte da entrevista destacar. O fator tempo, sempre a maior pressão. Que se traduzem por vezes em limitações do material e na sua velocidade de completar determinadas tarefas ou executar determinados processos. Nas relações interpessoais fiz vários amigos, com quem ainda hoje mantenho contacto nem que seja por via das redes sociais, no geral todos foram de uma grande simpatia e prestabilidade comigo. Souberam passar-me o sentimento do brio de estar na TSF. Procurei mostrar versatilidade. Ser o mais competente possível nos diversos domínios, na oralidade, na escrita e até a tratar áudio, imagem e vídeo.

A TSF está na vanguarda da adaptação ao novo ecossistema mediático. Está ainda em transformação e em busca da maximização. Em busca da melhor relação meios, recursos e tempo. Esta era da hipermultimedialidade resultou na inversão da antiga lógica de serem os produtores dos conteúdos a decidirem onde e quando o seu público acede aos seus conteúdos. Agora é o utilizador que escolhe dentro da lógica do vínculo afetivo que estabelece com o tipo de consumo dos conteúdos, e em que dispositivo e em que plataforma o prefere fazer. Agora é a forma como se trata a notícia que tem de se multiplicar para chegar aos diversos tipos de consumo. Às preferências do utilizador. Hoje quem quer estar a par da informação com a qualidade da TSF não precisa de ligar o rádio. Pode ouvir no iPhone. Nem precisa de ouvir, pode ler no site, ou no Facebook se preferir. Pode ver as imagens do dia no Instagram. Pode receber alertas enquanto trabalha. Não podia perder a oportunidade de me incluir nesta fabrica de produzir conteúdos e notícias e em tantas linguagens diferentes. Foi este o pensamento ao longo do estágio e o grande objetivo. Como me tornar um webjornalista.

BIBLIOGRAFIA

AAKER, David (2013). Three Models of how Brand Personality Impacts. [Em Linha] Disponível em <<http://www.prophet.com/blog/aakeronbrands/135-three-models-ofhow-a-brand-personality-impacts>>

ADORNO, Theodor W. (2003), *Sobre a Indústria da Cultura*. Coimbra: Angelus Novus.

ALSINA, Miquel Rodrigo. (2005). *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós Ibérica

BASTOS, Hélder. (2000). *Jornalismo Electrónico*, Coimbra, Minerva.

BRADSHAW, P. (2007). *A model to the 21st century newsroom: PT1. The news diamond*. Disponível em em <http://onlinejournalismblog.com/2007/09/17/a-model-for-the-21st-century-newsroom-pt1-the-news-diamond/>

BREED, W. (1955/1993). *Social control in the newsroom: A Functional Analysis*, in Social Forces, Vol. 33, Outono. No livro de Nelson Traquina (Org.). (2000). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias*, Lisboa, Vega.

BRUNS, Axel. (2003). *Gatewatching, not gatekeeping: collaborative online news*. Media International Australia Incorporating Culture and Policy: Quarterly Journal of Media Research and Resources.

BONIXE, Luís. (2011). *Jornalismo radiofónico e internet- Um estudo da evolução do uso das potencialidades online nas notícias dos sites da rádio*. In Revista Comunicação e sociedade.

Disponível em <<http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/881>>.

CABRERA GONZÁLEZ, M.A. (2000) Convivencia de la prensa escrita y la prensa on line en su transición hacia el modelo de comunicación multimédia

CANAVILHAS, João. (2005). *Os Jornalistas online em Portugal*. Universidade da Beira Interior

CANAVILHAS, João. (2006). *Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança*, Universidade da Beira Interior, Labcom.

CANAVILHAS, João. (2006). *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Revista Aprender. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>

CANAVILHAS, João (Org.) (2014), *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom.

CARDOSO, Onésimo de Oliveira. (2006). *Comunicação empresarial versus comunicação organizacional: novos desafios teóricos*. RAP: Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n6/10.pdf>> [Consultado a 10 de julho de 2016]

CASTELLS, Manuel. (1996). *The Information Age – Economy, society and culture, 1: The rise of the network society*, Oxford: Blackwell Publishers.

CASTELLS, Manuel. (2004). *A Galáxia Internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, Manuel; Cardoso, Gustavo (Orgs.). (2005). *A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política*; Conferência. Belém (Por): Imprensa Nacional, 2005.

CALDAS, A. Pereira. (1999). *Para a História da Rádio Renascença (1974-1975) – Um barómetro da Revolução*. Lisboa: Grifo-Editores e Livreiros Lda.

CHEVAL, J.J (2012). *French Radio, from the Eiffel Tower to “Postradio”*. In J. A. Hendricks, *The Palgrave Handbook of Global Radio*. Londres: Palgrave Macmillan.

CRISTO, Dina. (2001). *Para a história da rádio em Portugal*. Revista observatório de comunicação. Lisboa: Obercom.

GAMEIRO, Paulo. (2008) *As organizações em rede*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gameiropaulo-as-organizacoes-em-rede.pdf> [Consultado a 20 de maio de 2014]

JENKINS, H. (2004). *'The cultural logic of media convergence'* International Journal of Cultural Studies 7

KAPLAN, Andreas; Haenlein, Michael. (2010) *Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media*, Business Horizons Vol. 53, n.º 1, pp. 59–68.

MEIRELLES, Hely Lopes. (1996). *Direito administrativo brasileiro*. São Paulo. Malheiros

NIELSEN, Jakob (1996) *Inverted Pyramids in Cyberspace*. Disponível em <http://www.useit.com/alertbox/9606.html>

PAUL, Nora. (1995). *Computer Assisted Research: A Guido to Tapping Online Information*, Poynter Institute for Media Studies, 3ª edição

PAVLIK, John V. (2001). *Journalism and new media*. New York: Columbia University Press.

REBELO, J. (Org.) (2011). *Ser jornalista em Portugal, perfis sociológicos*. Lisboa: Gradiva.

REIS, A. & Lima. H (2014). *Os Militares da Revolução de Abril de 1974 e a Rádio: "Aqui posto de comando do MFA"*. In Atas XXXVII Intercom 2014. Brasil.

Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0586-1.pdf>>

REIS, Ana Isabel. (2012). *As rádios piratas em Portugal – contributos para um percurso*. Disponível em http://www.lasics.uminho.pt/netstation/wp-content/uploads/2012/10/Isabel_9-28.pdf

RIBEIRO, Nelson. (2002). *A Rádio Renascença e o 25 de Abril*. Universidade Católica Editora. Lisboa.

RUÃO, Teresa. (2003). *As marcas e o valor da Imagem. A dimensão simbólica das atividades económicas*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação [Em Linha] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ruao-teresa-as-marcas-valor-daimagem.pdf>

SALAVERRIA, Ramón. (2003). *Convergencia de medios*. Revista Latinoamericana de Comunicacion.

SALAVERRIA, Ramón. (2005). *Redacción periodística en Internet*, pamplona, EUNSA.

SANTOS, Rogério. (2007). *Indústrias Culturais. Imagens, valores e consumos*. Lisboa: Edição 70.

SOUSA, H. (2002). *The Liberalisation of Media and Communications in Portugal*.

In S. Syrett (Coord.), *Contemporary Portugal, Dimensions of economic and political change*, Hampshire (UH) & Burlington (USA), Ashgate. Acedido em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/2692>

TRAQUINA, Nelson. (2002). *Jornalismo*. Lisboa: Quimera. 1ª Edição

TUCHMAN, G. (1978). *Making News: A Study in the construction of reality*, Nova Iorque, The Free Press.

WOLF, Mauro. (2006). *Teorias da Comunicação*. 9.ª ed. Editorial Presença. pp. 180182

ANEXOS

Reportagem multimédia – Manifestação dos taxistas:

<http://www.tsf.pt/multimedia/video/tsf/interior/manifestacao-dos-taxistas-5489147.html>

Lista de tarefas do dia-a-dia:

(notas não editadas)

DIA 1

seg 19 set

- Apresentações
- Estação de trabalho, contacto com o software e passwords de acesso
- Escrita de duas peças radiofónicas e gravação da leitura

DIA 2

ter 20 set

- Drafts online para revisão de editor
- DESPORTO - atletismo
- INICIATIVA - Lince ibérico
- INTERNACIONAL - Migrações/ACNUR
- DESPORTO - Felix da Costa
- CULTURA - Portalegre

DIA 3

qua 21 set

- Fotogaleria protestos África do Sul
- INTERNACIONAL / Online
- TECNOLOGIA - Allo da Google
- INTERNACIONAL - Fármacos contrafeitos

DIA 4

qui 22 set

- INTERNACIONAL Online notícia Turquia
- TECNOLOGIA - Yahoo
- Concerto de bolso: Fábria Rebordão (fotos)
- Concerto de bolso: Cristina Branco (vídeo)

DIA 5

sexta 23 set

- video nelson evora
- reunião

DIA 6

segunda 26 setembro

- INTERNACIONAL- Trump/Hillary/Netanyahu
- POLÍTICA- Rui Moreira IMI
- Online- Foto Lemon Lovers
- Preparação Promo, Não é mau de Miguel Guilherme

DIA 7

terça 27 setembro

-Assistência a realizar um vídeo promocional das manhãs informativas
-Edição entrevista José Sócrates a Anselmo Crespo (divisão em clips/sound bites/multicam - estrutura da montagem semântico-narrativa)
software Edius.

DIA 8

quarta 28 setembro

-Assistência à filmagem e realização da promo do Não é mau de Miguel Guilherme

-Preparação para filmar a promo manhãs e tarde da TSF. Preparação de filmagem de timelapse de nascer e pôr-do-sol. Pousada pestana/terreiro do paço ou parque das nações

Por do sol no marques de pombal. Captação de planos urbanos, de mobilidade, trânsito, pessoas

DIA 9

quinta 29 set

-Filmar entrada e entrevista na TSF de Jerónimo Sousa no estúdio 4

-Filmagem de motivos urbanos e trânsito. -Promo manhã e tarde

-Timelapse por do sol no topo edifício diário de notícias

DIA 10

sexta 30 set

-Filmagem de timelapse nascer do sol cais do sodré

-corte dos destaques (áudio) da entrevista a Jerónimo de Sousa para peça do jornalista Paulo Baldaia, Diretor do Diário de Notícias

DIA 11

segunda 3 out 2016

-montagem de estúdio, preparação de camaras, iluminação e ligação ao som editado pelo técnico de som, preparado para antena

-Filmagem entrevista Arménio Carlos

-Filmagens de exteriores

-automatização de processos de produção do vídeo da newsletter

DIA 12

terça 4 out 2016

-Concertos de bolso: José Manuel Neto, Piers Faccini

-Recolha de vídeo para arquivo

DIA 13

quarta 5 out 2016

-cerimónia oficial 5 out na praça município. recolha de imagens para arquivo TSF

DIA 14

quinta 6 out 2016

-teste da criação da newsletter. escolha de imagens vídeo e legendagem do texto da newsletter para leitura em dispositivos em silêncio

DIA 15

segunda 10 out 2016

-recolha de arquivo e imagens

-cobertura vídeo do protesto dos taxistas na rotunda do relógio

DIA 16

terça 11 out 2016

-Montagem e edição da reportagem taxistas

DIA 17
quarta 12 out 2016
-montagem e edição da reportagem taxistas

DIA 18
quinta 13 out 2016
-taxis

DIA 19
sexta 14 out 2016
-taxis

DIA 20
segunda 17 out 2016
-finalização taxis
-catalogar arquivo

DIA 21
terça 18 out 2016
-Concerto bolso António Zambujo

DIA 22
quarta 19 out 2016
-promo salvador martinha

DIA 23
quinta 20 out 2016
-promo transito

DIA 24
sexta 21 out 2016
-promo transito
-promo lazer

DIA 25
segunda 24 out 2016
-promo transito
-promo lazer

DIA 26
terça 25 out 2016
-filmagem da promo salvador martinha 2

DIA 27
quarta 26 out 2016
-Edição da entrevista da embaixadora de cuba em portugal (entrevista do Alselmo Crespo)
-Envio das imagens cortadas (destaques) para as televisões (software Edius)

DIA 28
quinta 27 out 2016
-Promo eleições americanas

DIA 29
sexta 28 out 2016
-promo eleições americanas

DIA 30
segunda 31 out 2016

-Filmagem entrevista Bruno de Carvalho (presidente SCP), montagem estúdio, EntreLinhas de (João Ricardo Pateiro)
-Edição entrevista e envio destaques (televisões)

DIA 31

quarta 2 nov 2016

-Montagem e edição promo um para um, Salvador Martinha

DIA 32

quinta 3 nov 2016

-Montagem promo manhãs e tarde TSF

-Filmagem concerto de Bolso, Fingertips

DIA 33

sexta 4 nov 2016

-Edição e finalização do Concerto de Bolso, Fingertips

-Pesquisa para a feitura de uma promo sobre as eleições americanas

DIA 34

segunda 7 nov 2016

-Concerto de Bolso Moonspell

-Promo eleições americanas

-EntreLinhas com Rui Gomes da Silva

DIA 35

terça 8 nov 2016

-concerto caixa de Pandora

-Edição Moonspell

DIA 36

quarta 9 nov 2016

-Edição Moonspell

-Reações a Trump video

DIA 37

quinta 10 nov 2016

-edição moonspell

-reações a Trump

DIA 38

sexta 11 nov 2016

-finalização das edições

-preparação de estúdio para filmagens de entrevistas

DIA 39

segunda 14 nov 2016

-concerto de Bolso Vitorino

DIA 40

terça 15 nov 2016

-edição Vitorino

DIA 41

quarta 16 nov 2016

-escrita notícias online

DIA 42

quinta 17 nov 2016

-off-

DIA 43

sexta 18 nov 2016
-filmagem do making off de Partimos

DIA 44
segunda 21 nov 2016
-finalização concerto de bolso vitorino

DIA 45
terça 22 nov 2016
-filmagem de um making of de sessão fotográfica da global media group.
Com Miguel Guilherme, Salvador Martinha e a equipa de manhã e tarde TSF

DIA 46
quarta 23 nov 2016
-alteração do IN do video vitorino e respetiva ficha tecnica para os
novos designs para 2017

DIA 47
quinta 24 nov 2016
-fotografia da entrevista de Hugo Neutel a Carlos Costa, Governador do
Banco de Portugal no museu do dinheiro

DIA 48
sexta 25 nov 2016
-edição do making of da sessão fotográfica

DIA 49
segunda 28 nov 2016
-publicação do concerto de bolso vitorino, com texto, foto, links e
ficha de back office feita por mim
-montagem de estudio e filmagem do concerto de bolso de JPSimões
-edição do making of da sessão fotográfica com cesar santos, artur
carvalho, nuno domingues, miguel guilherme, salvador martinha e miguel
fernandes

DIA 50
terça 29 nov 2016
-edição concerto de bolso carminho
-filmagem concerto de bolso mísica

DIA 51
quarta 30 nov 2016
-finalização carminho

DIA 52
sexta 2 dez 2016
-Publicação Carminho e edição e montagem Mísia

DIA 53
segunda 5 dez 2016
-Filmagem e criação do vídeo IN/OUT da participação de Jerónimo de
Sousa
no Forum TSF, moderado por Manuel Acácio

DIA 54
terça 6 dez 2016
-upload da entrevista Jerónimo para o Back Office
-Edição do concerto de bolso com JP Simões
-Filmagem do concerto de carlos do carmo

DIA 55

quarta 7 dez 2016
-reformulação da entrevista de Jerónimo de Sousa (destaques escolhidos por mim 9 minutos)

DIA 56 (Último dia nas instalações do Edifício Altejo - Matinha)
sexta 9 dez 2016
-Publicação concerto de bolso Mísia e publicação dos destaques da participação de Jerónimo de Sousa no Forum TSF
-Finalização da edição do vídeo do concerto de JP Simões
-Início do vídeo do concerto de bolso de Carlos do Carmo

DIA 57 (Primeiro dia nas Torres de Lisboa)
seg 12 dez 2016
-Edição Carlos do Carmo
-Extração do audio do programa Governo Sombra para por no site

DIA 58
ter 13 dez 2016
-Edição de video de destaques da última entrevista vídeo a Mario Soares a propósito do internamento

DIA 59
qua 14 dez 2016
-Finalização vídeo Mário Soares
-Finalização concerto de bolso carlos do carmo

DIA 60
qui 15 dez 2016
-filmagem da visita de marcelo rebelo de souza às novas instalações da global media group